



Ana Margarida Mónica Breda **Tradições, Costumes e História Local: Educação para o Património Cultural Imaterial no Pré-Escolar e no 1.º CEB**



Universidade de Aveiro
2021

**Ana Margarida Mónica
Breda**

**Tradições, Costumes e História Local: Educação
para o Património Cultural Imaterial no Pré-Escolar e
no 1.º CEB**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica do Doutor António Vítor Nunes de Carvalho, Professor Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha família; família essa que é o património mais valioso que poderia ter. Dedico este trabalho também ao meu Avó Mónica que tanto orgulho e amor tinha pela sua família e que constantemente nos mostrou que o caminho nem sempre é fácil, mas que o devemos fazer com coragem, perseverança, dignidade e, sobretudo, com amor.

o júri

Presidente

Professora Doutora Ana Alexandra Valente Rodrigues
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogal: Arguente

Professor Doutor Ernesto Candeias Martins
Professor Adjunto do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogal: Orientador

Professor Doutor António Vítor Nunes de Carvalho
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram e me incentivaram a frequentar um curso superior sendo também uma fonte de inspiração e de força.

Agradeço à minha irmã que me deu motivação e o apoio maior na decisão de frequentar este curso e que sempre me serviu de inspiração com a sua capacidade de luta.

Agradeço ao meu marido que sempre revelou paciência e sempre me apoiou, incondicionalmente, durante todo o meu percurso académico.

Aos meus avós Manuel Mónica e Madalena Pericão que sempre me transmitiram os melhores valores.

Agradeço à educadora cooperante Mariana Cardoso e à professora cooperante Maria Júlia Casal, que foram fonte importante de inspiração e de apoio. Obrigado pelo incentivo para no sentido fazer mais e melhor.

Agradeço ao Professor António Vítor Nunes de Carvalho que sempre esteve presente e disponível para nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos e sempre nos apoiou e guiou nesta caminhada.

Agradeço à Instituição Centro Paroquial de São Bernardo, que sempre se mostrou disponível para nos receber e facilitar recursos para o desenvolver deste Projeto.

Agradeço à Dra. Carla Serôdio do Fundo de História Local da Biblioteca Municipal de Aveiro, pelo tempo dispensado como forma de me orientar na pesquisa de bibliografia aqui presente.

palavras-chave

Património; Património Cultural Imaterial; Tradições; Costumes; História Local; Educação Patrimonial.

resumo

O presente estudo apresenta um projeto de intervenção educativa direcionado a crianças que se encontram a frequentam o pré-escolar e o 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O foco principal é colocado no Património Imaterial partindo da exploração das Tradições. Este projeto desenrolou-se ao longo de dois semestres e foi aplicado em duas instituições situadas na freguesia de São Bernardo pertencente ao Concelho de Aveiro.

Neste projeto foi trabalhado o Património Imaterial do país e local, sendo também abordada a história local e as suas tradições, tendo como objetivo desenvolver a consciência patrimonial, a identidade pessoal e do meio, a valorização e proteção do nosso Património. A metodologia utilizada foi de carácter qualitativa, com algumas características de investigação-ação, sendo que os instrumentos utilizados para recolha de dados foram a observação direta e participativa, transcrição de sessões e inquéritos iniciais e finais, inquérito oral ao grupo do pré-escolar, e inquérito escrito ao grupo de 2.º ano do 1.º CEB.

A análise dos dados recolhidos revelou que efetivamente as crianças e alunos adquiriram conhecimentos sobre o Património Imaterial, sua preservação e compreensão da sua importância.

keywords

Patrimony; Intangible Cultural Heritage; Traditions; Consuetude; Local History; heritage education.

abstract

This study presents an educational intervention project aimed at children who are attending pre-school and the 2nd year of the 1st Cycle of Basic Education. The main focus is placed on Intangible Heritage, starting from the exploration of Traditions. This project took place over two semesters and was applied in two institutions located in the parish of São Bernardo, belonging to the Municipality of Aveiro.

In this project, the Intangible Heritage of the country and place was worked on, and the local history and traditions were also addressed, with the aim of developing heritage awareness, personal identity and the environment, and the enhancement and protection of our Heritage. The methodology used was qualitative, and the instruments used for data collection were direct and participatory observation, transcription of sessions and initial and final inquiries, oral inquiry to the preschool group, and written inquiry to the 2nd year group of the 1st CEB.

Analysis of the collected data revealed that children and students effectively acquired knowledge about Intangible Heritage, its preservation and an understanding of its importance

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
1. PATRIMÓNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRADIÇÕES	13
1.1. Património	13
1.2. Património Cultural Imaterial	16
1.3. História Local e algumas Tradições locais	18
1.4. Educação Patrimonial	26
CAPÍTULO II – Caracterização dos Contextos e Desenvolvimento do Projeto	31
1. Caracterização da comunidade envolvente em que se inserem os contextos educativos	31
1.1. Caracterização do contexto do pré-escolar	31
1.2. Caracterização do grupo do pré-escolar	32
1.3. Caracterização do contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico	33
1.4. Caracterização do grupo do 1.º Ciclo do Ensino Básico	33
2. Atividades realizadas no âmbito do Projeto de Intervenção	34
2.1. Planificação do projeto de intervenção no Pré-Escolar com o tema “O Património Cultural Imaterial – Tradições”	35
2.2. Planificação do Projeto de Intervenção adaptado ao Ensino à Distância no 1.º Ciclo com o tema “Património Cultural Imaterial”	51
CAPÍTULO III – Apresentação da Metodologia e Análise e Tratamento de dados	64
1. Apresentação da metodologia do Projeto	64
2. Apresentação e análise dos dados recolhidos	67
2.1. Pré-Escolar – 1.º questionário oral, Sessão n.º 1.	67
2.2. 2.º questionário oral, após sessão n.º 3.	69
2.3. 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º inquérito, feito antes da 1.ª Sessão.	71
2.4. 2.º Inquérito, feito no fim da última sessão.	75
3. Síntese dos resultados	83
Conclusões	86
Fontes e Bibliografia	90
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo principal apresentar um Projeto de investigação e intervenção desenvolvido no decorrer da Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este centra-se na exploração do Património Cultural e Imaterial local, e de Portugal, tanto na Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico. O Relatório intitula-se “Tradições, Costumes e História Local: Educação para o Património Cultural Imaterial no Pré-Escolar e no 1.º CEB”. Desenvolveu-se no decorrer de dois semestres, no ano letivo de 2019/2020, num grupo de 21 crianças no Pré-Escolar (1.º semestre) e de 25 alunos do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º semestre).

De salientar que este Projeto apresenta duas fases distintas em cada semestre. Numa primeira fase a observação dos grupos e das suas dinâmicas desenvolvidas em situação de sala, recreio e sala de aula, sucedendo-se uma segunda fase que teve como objetivo responder às questões levantadas durante o período de observação.

A escolha do tema do Património Imaterial surgiu durante a intervenção realizada no pré-escolar em que, pelo contacto com as crianças, emergiu a necessidade/curiosidade de aprofundar tradições e costumes, o património e as ‘histórias’ que o sustentam/fundamentam. Na medida em que o património está presente no nosso dia-a-dia e em muito do que nos rodeia, desenvolveu-se a motivação/interesse em aprofundar este tema como forma de Projeto.

Assim, este projeto centra-se, principalmente, no Património Cultural Imaterial que é definido pela UNESCO (2003, Artigo 2.º) como “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural”. Segundo a mesma fonte, o património é essencial para que as crianças tomem conhecimento e consciência de que este é um “sentimento de identidade e de continuidade [...], promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”. Na amplitude, ele é “compatível com os instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos do homem, bem como com as exigências de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos e de desenvolvimento sustentável”.

Para a realização deste projeto recorreremos principalmente a alguns domínios em que o Património Cultural Imaterial se pode manifestar, que estão referidos a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, de 2003 da UNESCO, destacando-se as “tradições” e “práticas sociais, rituais e actos festivos”. Assim, definiu-se um estudo mais preciso e direcionado às idades específicas com as quais se pretendia trabalhar. Não sendo o conceito de património fácil de desenvolver e de fazer entender a crianças mais novas, não sendo um conceito preciso, mas que se encontra presente no nosso dia-a-dia, foi necessário pensar atividades ligadas ao património de forma simples e trabalhando com o que nos rodeia, com o que nos é mais próximo, para assim aproximar as crianças do tema de forma acessível e clara.

A importância da elaboração deste Projeto teve como objetivo o desenvolvimento de consciência patrimonial e evolução do sentido de identidade de cada criança/aluno, assim como o enquadramento da criança/aluno, enquanto indivíduo, numa sociedade em que o Património Cultural Imaterial mostra a identidade de um povo. Tem também como propósito desenvolver o sentido de responsabilidade, respeito, valorização e preservação do nosso património.

Nesse sentido, o trabalho com as próprias crianças centra-se no conhecimento das suas identidades, características, memórias e sentido de pertença para aplicar este Projeto de maneira mais ‘leve’ e acessível para as mesmas, pois o Património Cultural é construído pelas pessoas que pertencem ao meio que está a ser abordado e discutido. Assim refere Cabral (2011, s/p.) “No património imaterial, o principal são as pessoas. É esta mudança de paradigma, o desviar do foco das atenções do objeto para o ser que o executa, que torna o património cultural imaterial tão difícil de definir e de interiorizar – e é isso que o torna também tão interessante e atrativo”.

Deste modo surgiram as questões que deram origem a este projeto, sendo estas fundamentais para a sua preparação, investigação, desenvolvimento e conclusão. Estas questões surgiram devido aos aspetos referidos, relacionando o conhecimento que as crianças/alunos tinham anteriormente ao desenvolvimento do Projeto, sobre o Património Cultural Imaterial, Tradições e Costumes, com os objetivos de aprendizagem das Orientações Curriculares e Metas de Aprendizagem que os alunos devem adquirir. Sendo assim surgirão as seguintes questões de partida:

- Que conhecimento as crianças do Pré-Escolar e os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm sobre o Património, Património Cultural Imaterial e Tradições?
- De que forma um Educador e um Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico pode educar para o Património Cultural Imaterial a partir das Tradições, Costumes e História Local?

Estas questões possibilitaram compreender como era possível desenvolver e sensibilizar as crianças para este tema e permitiram a avaliação deste projeto de uma forma eficaz. Para o desenvolvimento deste Projeto foi essencial o calendário, pois foi uma ferramenta de apoio fundamental para o progresso deste sendo um forte auxílio para trabalhar o Património Cultural Imaterial e as Tradições com as crianças/alunos.

O presente relatório está apresentado em quatro capítulos. O primeiro é composto pelo enquadramento teórico onde se aborda o Património, o Património Cultural Imaterial, a História Local, as Tradições e a Educação Patrimonial. Procura-se fazer uma justificação temática recorrendo a variadas fontes e tendo como objetivo distinguir a componente desenvolvida neste Projeto – o Património.

Segue-se o segundo capítulo que mostra os contextos educativos em que este Projeto foi desenvolvido e o plano de ação do mesmo; integrando as sessões e as propostas didáticas que foram realizadas, assim como as suas descrições.

No terceiro capítulo podemos encontrar a metodologia adotada para concretizar este Projeto, a recolha e análise dados e uma síntese dos resultados apurados. A terminar, apresenta-se ainda a conclusão.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. PATRIMÓNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRADIÇÕES

1.1. Património

O conceito de Património, segundo o Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1981, p. 484) deriva do latim *patrimoniu* – que consiste em “Bens de família; Herança Paterna; Bens indispensáveis para ordenação de qualquer eclesiástico; Qualquer espécie de bens, materiais ou morais pertencentes a alguém ou a alguma instituição ou colectividade”. De acordo com a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1935, pp. 630 e 631), Património também é se apresenta como um vocábulo, derivado do latim *patrimonium* [...]; há pessoas que o consideram equivalente a um grupo de bens e direitos pecuniários, mais ou menos extenso, mormente quando tais bens e direitos são destinados a um fim”. Como refere Françoise Choay (2009, p. 25), esta palavra, na sua origem, “está ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”.

No entanto, falar de Património não significa que este seja apenas aquilo que é herdado dentro da família. Sempre que referimos Património aludimos a heranças de uma sociedade e de uma cultura enraizada em que não somente se herda, mas que também implica transmissão a gerações futuras. Graças a este legado, o Património pode não ser estável e perder-se ou, em alternativa, ser modificado como forma de se conservar no tempo. Como menciona Elsa Peralta da Silva (2000, p. 218):

O património não é só o legado que é herdado, mas o legado que, através de uma selecção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro. Ou seja, existe uma escolha cultural subjacente à vontade de legar o património cultural a gerações futuras. E existe também uma noção de posse por parte de um determinado grupo relativamente ao legado que é colectivamente herdado.

Assim, podemos afirmar que o património é uma fonte de identidade de um grupo; grupo esse que se identifica social e culturalmente e que confere valor a esse Património, seja ele Património Cultural Material, Imaterial ou Património Natural. Trata-se, assim, de “um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento colectivo de identidade” (Silva, 2000, p. 219).

José Amado Mendes (2009, p. 21) salienta que esta definição de Património enquanto herança coletiva só mais tarde é que figurou no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa:

Tradicionalmente, a noção de património era unívoca e identificava-se com legado, herança, propriedade ou bens transmitidos, adquiridos ou possuídos por alguém. Ainda hoje, alguns dicionários só registam este significado. Contudo, pelos anos 1930, começou a surgir uma outra acepção de património, mais restrita, a qual se circunscrevia aos aspectos de índole cultural [...]. Este sentido aparece finalmente, por exemplo, no conhecido Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia das Ciências de Lisboa [...], entre os cinco significados do termo “património”, referencia-se aí o seguinte: “conjunto dos bens materiais e imateriais transmitidos pelos antepassados e que constituem uma herança colectiva”.

Constatamos, deste modo, que todo o Património transporta em si uma identidade, uma história, uma memória que se vai perpetuar ao longo do tempo. Isto faz com que essa identidade fique viva e que seja divulgada às gerações futuras para que esta memória nunca seja esquecida, seja um evento ou um monumento, um saber, uma tradição ou um objeto. Assim sublinha Elsa Peralta Silva (2000, p. 219):

É através desta identidade passado-presente que nos reconhecemos colectivamente como iguais, que nos identificamos com os restantes elementos do nosso grupo e que nos diferenciamos dos demais. O passado dá-nos um sentido de identidade, de pertença e faz-nos conscientes da nossa continuidade como pessoas através do tempo.

Objetivando proteger essa identidade e preservar os bens patrimoniais de valor, a UNESCO adotou, em 1972, a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Esta Convenção categorizou o Património em duas vertentes – Património Cultural e Património Natural – apresentando as definições respetivas.

Assim, como Património Cultural forma considerados (UNESCO, 1972, Artigo 1.º):

Os monumentos – obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

Os conjuntos – grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

Os locais de interesse – obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Como Património Natural são considerados (UNESCO, 1972, Artigo 2.º):

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico.

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem *habitat* de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural.

Em 1976 foram criados o *Comité do Património Mundial* e o *Fundo do Património Mundial* como refere a *Convenção para a Proteção do Património Mundial*. Em 1979 foram registadas as primeiras inscrições de bens na *Lista do Património Mundial*. Destaca-se que Portugal apenas depositou o instrumento de ratificação em 1980.

Salienta-se que a *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular* que foi aprovada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a 15 de novembro de 1989, considera que

“A cultura tradicional e popular integra o património universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os diferentes povos e grupos sociais e de afirmação da sua identidade cultural, constatando a sua importância social, económica, cultural e política, o seu papel na história de um povo e o seu lugar na cultura contemporânea”.

No ano de 1992 foi criado o *Centro do Património Mundial* como um organismo autónomo do Secretariado da UNESCO com a missão de gerir administrativamente todas as questões relacionadas com a *Convenção do Património Mundial*.

No ano de 2003 foi aprovada a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, mais propriamente no dia 17 de outubro desse mesmo ano. Esta *Convenção* tinha como objetivo principal (UNESCO, 2003, Artigo 1.º):

- c) A salvaguarda do património cultural imaterial.
- d) O respeito pelo património cultural imaterial das comunidades, dos grupos e dos indivíduos em causa.
- e) A sensibilização, a nível local, nacional e internacional, para a importância do património cultural imaterial e do seu reconhecimento mútuo.
- f) A cooperação e o auxílio internacionais.

Só a partir deste momento é que o Património Cultural Imaterial passou a ser formalmente contemplado, pois ele transporta a identidade de uma sociedade ou de uma região, sendo assim fundamental ser considerado como um Património protegido, respeitado e estimado.

1.2. Património Cultural Imaterial

O Património Cultural surge como um bem precioso a salvaguardar, pois é aquele que é transmitido por gerações anteriores e que as pessoas identificam também como bem próprio. É um bem que está enraizado em cada cultura e em cada sociedade e que, ao mesmo tempo, não é individualizado; é sim de todos, pertencente e composto por todos. Trata-se de um bem de identificadores de culturas e de países e da diferença entre eles. No fundo, é o que faz com que cada país tenha a sua identidade e que permite a cada região distinguir-se dentro de um mesmo país.

Como refere a *Plataforma pelo Património Cultural* (PPCULT, s.d., p.1):

O Património Cultural constitui o activo mais precioso de qualquer país, em especial dos que possuem percursos históricos mais antigos e cujos recursos naturais foram parcialmente exauridos com o tempo. Trata-se de um activo de que cada geração, presente e futura, se deve considerar como fiel depositária e cuja amplitude transcende a esfera estritamente nacional. Não podemos considerar-nos donos de tudo quanto nos foi colectivamente legado e que pertence em grande medida a quem nos antecedeu, cabendo-nos a nós apenas reparti-lo com os nossos contemporâneos e com quem nos há-de suceder. Cuidar e desenvolver o Património Cultural, muito mais do que uma decorrência da lei, nacional, europeia ou universal constitui, pois, um imperativo civilizacional e de cidadania.

Ainda antes da existência da *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, de 1972, adotada pela UNESCO, criou-se a Convenção de Haia, em 1954; convenção essa que assumiu o objetivo de proteger bens culturais em caso de conflito armado e que definiu como bens culturais (UNESCO, 1954, Artigo 1.º.):

- a) Os bens, móveis ou imóveis, que apresentem uma grande importância para o património cultural dos povos, tais como os monumentos de arquitectura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objectos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, assim como as colecções científicas e as importantes colecções de livros, de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos.
- b) Os edifícios cujo objectivo principal e efectivo seja conservar ou expor os bens culturais móveis definidos na alínea a), como são os museus, as grandes bibliotecas, os depósitos de arquivos e ainda os refúgios destinados a abrigar os bens culturais móveis definidos na alínea a) em caso de conflito armado.
- c) Os centros que compreendam um número considerável de bens culturais que são definidos nas alíneas a) e b), os chamados 'centros monumentais'.

Segundo a *Convenção Quadro do Conselho da Europa* relativa ao valor do Património Cultural para a sociedade (*Diário da República*, n.º 177, de 12 de Setembro de 2008, Artigo 2.º), o Património Cultural “constitui um conjunto de recursos herdados do

passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como um reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. Inclui todos os aspectos do meio ambiente resultantes da interacção entre as pessoas e os lugares através do tempo”.

Este Património Cultural inclui o chamado Património Cultural e Imaterial. O Património Cultural Imaterial só começou a ser considerado a partir da criação da *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, em 2003, que a UNESCO o define do seguinte modo (2003, Artigo 2.º):

Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana. Para os efeitos da presente Convenção, tomar-se-á em consideração apenas o património cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos do homem, bem como com as exigências de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos e de desenvolvimento sustentável.

Assim, a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, de 2003, também categoriza os domínios em que o Património Cultural Imaterial se pode manifestar (UNESCO, 2003, Artigo 2.º):

- (a) tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial;
- (b) artes do espectáculo;
- (c) práticas sociais, rituais e actos festivos;
- (d) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo;
- (e) técnicas artesanais tradicionais.

Admite-se que o Património Cultural Imaterial não é fácil de explicar ou de definir; pois +e algo que se vive e sente fazendo parte das vivências locais e praticamente convivemos com ele no dia-a-dia quase sem nos darmos conta disso, principalmente através das Tradições familiares ou das datas festivas que decorrem ao longo do ano. Assim, enfrentamos alguma dificuldade sempre que o tentamos definir, pois envolve emoções e sentimentos de pertença das pessoas. Podemos então referir que o Património Cultural Imaterial é baseado nas Tradições nacionais e locais, centrando-se

principalmente nas pessoas, pois são estas que o constroem. Como refere Cabral (2011, s/p.):

No património imaterial, o principal são as pessoas. É esta mudança de paradigma, o desviar do foco das atenções do objeto para o ser que o executa, que torna o património cultural imaterial tão difícil de definir e de interiorizar – e é isso que o torna também tão interessante e atrativo. Obra e gesto, dança e bailarino, história e contador passam a ser realidades indissociáveis que devem ser percebidas em conjunto e valorizadas em simultâneo.

Pode-se então chegar à conclusão de que o Património Cultural Imaterial é baseado na História Local de cada comunidade, cidade ou região, abrangendo as suas Tradições, costumes, artes e ensinamentos, a sua história e até os indivíduos em sociedade.

1.3. História Local e algumas Tradições locais

Como foi referido anteriormente, a História Local e as tradições são fundamentais quando falamos no Património Cultural Imaterial, pois são estas que o constroem e que caracterizam as diferentes regiões tornando-as assim singulares e possuidoras de identidade própria. Ao abordar o Património Cultural Imaterial podemos afirmar que estamos a recordar e a conhecer o nosso meio envolvente, a pesquisar a nossa memória, a descobrir novos sítios, costumes e tradições. A História Local cria vínculos que reforçam a construção e afirmação de identidade do Património de qualquer país. Assim afirma José Amado Mendes (2000, pp.366 e 367):

Obviamente que, para os diversos tipos de património possam ser adequadamente valorizados, compete à história local estudá-los, sublinhar o seu valor e estabelecer a sua relação com a memória e as memórias das comunidades, assim como com a respectiva identidade.

A História Local é muitas vezes considerada como uma história com ‘importância menor’ principalmente por ser escrita, em algumas ocasiões, por pessoas sem formação específica na área de história: “alguns menosprezam a história local por entenderem que, na maior parte dos casos, é escrita por curiosos, sem escola, sem formação universitária ou com formação universitária não específica” (Silva, 1998, p.384).

Também pode ser ‘menosprezada’ por ser uma História localizada e regional, mas o que é certo é que a História Local permite completar e enriquecer a História nacional, afirmando assim também Francisco Ribeiro da Silva (1998, pp. 383 e 384):

Afirmamos à partida que o conhecimento da história local é indispensável para a construção da história nacional. Esta não é forçosamente a que é feita na capital e escrita na perspectiva da capital, mas a que interpreta com fidelidade o sentir, o pensar e o viver de um povo. [...] A história local tem aberto novos caminhos, novas vias e novos temas de pesquisa que têm feito avançar e progredir o conhecimento histórico.

Alexandre António da Costa-Luís (s/d, p.3) alude ainda que a História Local nos dá uma visão diferente da História considerada geral, fornecendo-nos indicadores e personagens até então desconhecidos e que têm relevo na História, referindo que:

Olhando atentamente para a história regional e local, fica evidente que a mesma permite a exploração de outros ângulos e dimensões de abordagem relativos aos atores, realidades e representações, chegando-se, não raramente, a conhecimentos virgens, uma vez que se descortinam novos contornos nos objetos estudados, incluindo a revelação de protagonistas anónimos da evolução histórica, a captação e reconstituição de vivências ou de uma variedade de experiências até aí invisíveis ou então pouco valoradas.

Além de ser importante para a História geral e para conhecer outras facetas da História, a História Local tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais importante na nossa sociedade, sendo essencial preservar as manifestações da mesma como forma de busca de identidade e memória dos nossos antepassados, contrariando um pouco alguns efeitos da globalização que se vive hoje. Assim menciona Mendes (2000, pp. 367 e 368):

A história local (ou, talvez melhor, a nova história local) tenderá, no futuro, a ocupar um lugar cada vez mais significativo, não só "alimentando" a história geral e ajudando a conhecer as realidades locais – como já e frisou, anteriormente –, mas também estudando o diversificado e vastíssimo património existente nas localidades, susceptível de ser preservado in situ ou musealizado [...]. Além do mais, ela poderá constituir um antídoto relativamente a alguns dos efeitos perversos da globalização – que hoje parece monopolizar as atenções, tanto do "homem da rua" como do economista, do gestor ou do político –, no que concerne à tendência para "apagar" especificidades e particularismos que são, afinal, importantes ingredientes culturais e factores estruturantes da identidade.

Ao falar de História Local é inevitável abordar as Tradições, pois são estas um dos principais fatores da História Local sendo transmitidas de geração em geração o que lhes permite permanecerem sempre 'vivas'. O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1981, pp.125 e 126) define tradição como o:

Acto de transmitir ou entregar; Entrega; Transferência; Acto de conferir; notícia de factos puramente históricos, de doutrinas religiosas, de acontecimentos de qualquer ordem, que são transmitidas de idade em idade e que, sem alguma prova autêntica, se têm conservado, passando de boca a boca, sendo todavia uma das bases da História e da Religião; Hábitos ou usanças transmitidas de geração em geração; uso; costume; símbolo; memória; recordação; Transmissão de valores espirituais de geração e geração.

No sentido de tentar desenvolver a temática deste Relatório, é necessário fazer um levantamento da cultura local predominante na região de Aveiro. Por outro lado, também será necessário tentar definir cultura. Esta pode reunir um “sistema de ideias, sabedoria, atitudes, técnicas, equipamento material, padrões de comportamento, literatura oral, danças, música, crenças mágicas e religiosas que caracterizam qualquer sociedade e constituem o seu património social” (A. Jorge Dias citado por Martins, 1993, p. 15).

Assim, a cultura é todo um conjunto de fatores que aconteceram no tempo histórico e que nos mostram como a sociedade e indivíduos se adaptaram a certos agentes. Martins (1993, p.15) refere que “a cultura é, portanto, o produto do diálogo multimilenar que o homem tem travado com o ambiente na luta pela sobrevivência, e que em cada sociedade se condensou de maneira típica, mercê de circunstâncias naturais e históricas particulares”. Deste modo, no caso de Aveiro, encontramos provas dessa cultura através do estudo/análise da alimentação, das atividades comerciais, pesca e tipos de barcos, toponímia, evolução política, património artístico, jogos tradicionais, nomes, apelidos e alcunhas, associações culturais e desportivas e festas.

No que respeita às referidas festividades tradicionais de cada região é preciso aludir e diferenciar as manifestações do sagrado e do profano. António Vitor N. de Carvalho (2005, p.19) refere que esta necessidade de festividade é como um fugir da rotina e dá importância ao facto de tais ligações poderem fortalecer a ligação social entre os indivíduos ao referir que a: “necessidade humana de vivência em comum e a procura da fuga à rotina estão na origem do estabelecimento de laços de sociabilidade”. Também refere que “as expressões coletivas e públicas de sociabilidade assumem facetas múltiplas incidindo sobre o sagrado e o profano, tanto na esfera individual como coletiva”.

Deste modo, a festa/tradição sagrada relaciona-se com a religião, as práticas sacras e as crenças tendo como objetivo principal celebrar e enaltecer santidades ou o próprio Deus. Aqui, “a missa e a procissão são os momentos altos da festa sagrada católica, onde se procura chegar perto do criador” (Carvalho, 2005, p.20) salientando-se, no caso de Aveiro, os exemplos da celebração da Páscoa, do dia de Santa Joana Princesa, do Natal, da festa de São Gonçalinho ou da festa de São Bernardo.

A festa/tradição profana moveu-se, também na dimensão local, como uma contenda de libertação para (Carvalho, 2005, p. 25):

Fazer esquecer, por instantes, a tristeza de um quotidiano de luta pela sobrevivência marcado, intimamente, por dificuldades e desilusões. Procura-se a descompressão, a euforia e a explosão da efervescência humana, o gasto e a fartura [...], funcionando como vectores de libertação, diversão e abstração, os focos de sociabilidade profana construídos e utilizados pelos aveirenses, com base na tradição ou espontaneidade, foram múltiplos.

Como alguns exemplos destas celebrações profanas salientam-se o Carnaval, as festas cívicas (1.º de Maio, 1.º de Dezembro), as feiras (Feira de Março), as atividades desportivas e outros motivos de festa e convívio como a tourada, as excursões, o teatro, o cinema ou a música.

Todos estes acontecimentos e festividades são importantes para contar e construir a ‘biografia de sociabilidade’ da nossa região, Tradições e Costumes, sendo também preciso mencionar pormenores que justificam a sua existência, a sua História.

Abordando, brevemente, alguns aspetos da História de Aveiro, constata-se que os primeiros registos datam do ano de 959, no testamento de Mumadona Dias “onde esta doa ao Mosteiro de Guimarães *‘terras in Aluاريو et salinas que ibidem comparauimus’* [...]. Esta referência às salinas de Aveiro tão longínqua comprova a sua relevância, não havendo hoje grandes dúvidas que a origem de Aveiro está associada à existência de condições para a produção de sal na região. Esta associação mantém-se até aos dias de hoje, embora o peso desta atividade tenha vindo a diminuir” (Curado, 2019, pp. 13 e 15).

No século XIII, como salientou o Monsenhor João Gonçalves Gaspar (1983, p. 30), Aveiro foi elevada a vila:

Entretanto, no século XIII, talvez no reinado de D. Afonso III, Pai do citado D. Dinis, Aveiro vira-se elevada a vila e cabeça de concelho, continuando a desenvolver-se em redor da antiga igreja matriz de S. Miguel.

Em 1434 teve início uma das maiores feiras de Aveiro, a feira franca, conhecida hoje pelo nome de *Feira de Março*. Esta servia para trocas comerciais e situava-se inicialmente junto à ria (Gaspar, 1983, pp. 43-44):

Foi el-Rei D. Duarte que, com o mesmo propósito de engrandecimento da povoação e julgando ser do seu serviço e para bem do Reino, ordenou que o Infante D. Pedro autorizasse que anualmente se fizesse, na vila de Aveiro e no mês de Maio, uma feira franca, ‘a qual – como se lê na carta do Monarca – se fará por esta guisa começar-se no primeiro dia do dito mês e durará até ao dia de S. Miguel seguinte, que são oito dia’. [...] Contudo, desde cedo, foi transferida para Março. [...] No princípio do século XX, a feira tinha duração de cerca de quinze dias; começando em 25 de Março, no dia em que também se realizava a feira dos barcos, no cais do canal central, prolongava-se até dia 9 de Abril, mais ou menos.

Esta feira trazia à cidade muita gente e comerciantes de variados setores comerciais e de diversos pontos do país. Salienta-se que esta feira ainda perdura ainda no século XXI. No seu percurso histórico não consistiu apenas no comércio, mas também atraiu elementos lúdicos e artísticos, principalmente na transição do século XIX para o século XX (Carvalho, 2005, p.29): “verdadeiramente profana, a componente lúdica e artística da Feira do Março contemplou a presença de barracas de tiro e de pim-pam-pum, animatógrafo, teatro, circo de variedades, carrossel, jogos diversos, tabernas, divertimentos variados e música interpretada pelas bandas locais”

Regressando à breve História de Aveiro, após a morte de D. Pedro, na Batalha de Alfarrobeira (1499), D. Afonso V (Gaspar, 1983, p. 41):

Doava o senhorio de Aveiro ao primo D. Sancho de Noronha, conde de Odemira; mas, confiscada essa casa nobre pelo seu envolvimento numa conspiração contra D. João II, este monarca fez mercê da vila à irmã, a Princesa D.^a Joana, recolhida no Mosteiro de Jesus, em Aveiro. A doação foi em 19 de Agosto de 1485, conservando a donatária o senhorio até à morte ocorrida cinco anos após.

De facto, a Princesa Santa Joana ficou vinculada para sempre à cidade de Aveiro. Tendo nascido a 6 de fevereiro de 1452, a princesa mostrou devoção e vontade de seguir a vida religiosa, e entrando mais tarde no Mosteiro de Jesus conseguiu seguir o caminho que traçou permanecendo em Aveiro até à sua morte: “a entrada no Mosteiro de Jesus foi marcada para o dia 4 de agosto, véspera da festa de Nossa Senhora das Neves e de S. Domingos” (Gaspar, 1981, s/p). A Princesa Santa Joana

morreu a 12 de maio de 1490, dia que é hoje definido como feriado municipal da cidade de Aveiro. A Princesa Santa Joana é a padroeira da cidade tendo em conta a visibilidade que deu a esta região e a sua dedicação à população local.

Aveiro beneficiava, para além do sal, de uma posição geográfica favorável para o comércio terrestre e marítimo. A atividade comercial favoreceu o desenvolvimento local e o crescimento populacional. Em 1759, Aveiro foi elevada de vila a cidade (Gaspar, 1997, pp. 169-170).

Decorria o ano de 1758. Em 13 de Dezembro, ao tornar-se público o respetivo processo, comunicava-se oficialmente ao país ter sido el-rei D.José I vítima de um atentado na noite de 3 para 4 de Setembro; entre os implicados no suposto crime, indiciava-se como gravemente culpado D.José de Mascarenhas, oitavo duque de Aveiro e marquês de Gouveia, além de mordomo-mor da Casa-Real, que imediatamente foi preso. Em face desta versão, urdida em segredo durante meses, a população aveirense verberou indignada o 'horroroso e sacrílego insulto' e revoltou-se contra o donatário da vila. [...] Assim, em 11 de abril do mesmo ano, D. José I assinava o alvará pelo qual a vila de Aveiro, [...], era elevada à dignificante categoria de cidade.

Contudo, a decadência da Barra natural conduziria à decadência de Aveiro e o seu reavivar só ocorrerá no início do século XIX. Neste século os aveirenses tiveram uma participação ativa nas lutas liberais, sendo José Estêvão Coelho de Magalhães, um dos ilustres, desempenhado um papel fundamental na fixação da atual barra, na construção do Liceu de Aveiro (atual Escola Secundária José Estevão) e na criação e desenvolvimento dos transportes da cidade de Aveiro, principalmente da linha de caminho de ferro. Este último facto é considerado como um elemento fundamental no progresso e desenvolvimento da cidade de Aveiro (Gaspar, 1983, pp. 166-167):

Diferente factor de progresso são as vias férreas. Já se referiu o interesse que José Estêvão pôs na passagem da Linha do Norte por Aveiro; e conseguiu-o. Efectivamente, em 18 de Julho de 1863, uma locomotiva, vinda do norte, atravessava a ponte de Esgueira pela primeira vez; mas, somente em 10 de Abril do ano seguinte, pela demora do aterro do vale do Cojo, seria inaugurada a parte que vai desta cidade a Taveiro [...]. Todos os melhoramentos referenciados, como a criação de escolas, a abertura da barra nova, o lançamento de estradas, a passagem do caminho de ferro e o desenvolvimento de outros meios de comunicação, aliados de certo ao espírito de iniciativa e de aventura dos Aveirenses, foram causas decisivas do progresso industrial e demográfico de toda a zona.

José Estevão morreu a 4 de novembro de 1862. Imediatamente, a cidade de Aveiro e "alguns amigos, pessoais e políticos, deste aveirense trataram de elevar-lhe uma estátua na praça municipal de Aveiro – o que se efectuou em 12 de Agosto de 1889.

Também foi colocada uma lápide comemorativa na casa em que nasceu; e à rua, onde se ergue esse edifício, foi posto o nome do mesmo aveirense” (Rangel de Quadros, 2000, p.421). Sublinha-se que José Estêvão é o patrono de um dos Agrupamentos de Escolas atualmente existentes na cidade de Aveiro.

Observa-se acima que Aveiro sempre foi uma região fortemente ligada à água e ao sal, principalmente devido à Ria. A Ria de Aveiro tem uma longa vastidão “que vai de Ovar a Mira, numa extensão de cerca de 47 quilómetros, assemelha-se a uma imensa teia de aranha de contornos irregulares” (Laranjeira, 1989, p.38). Durante séculos esta região viveu da água e dos seus recursos, nomeadamente da pesca, do sal, das trocas comerciais feitas na Ria e do moliço.

Manuel Ferreira Rodrigues (2004, p.12) afirma que esta água modelou a vida do povo aveirense assim como o seu panorama: “a água – estanhada e bonançosa na ria, agitada e imensa no oceano – afeiçoou a paisagem e a vida das gentes de Aveiro”. Este historiador (Rodrigues, 2004, p.14) sublinha que, atualmente, “a população já não depende de igual modo da laguna [...]. A ria ainda dá solhas, linguados, robalos, enguias e bivaldes, como a ameijoa, o berbigão e o mexilhão. Mas já não é propriamente um modo de vida [...]. A ria está agora a ser redescoberta e diversamente valorizada. Como que por milagre, a ria tornou-se aos olhos de todos um importante, senão o mais fecundo, recurso científico, cultural e turístico da região. Estamos a redescobrir toda a sua beleza natural, as suas ilhas, os seus canais e esteiros em mutação constante, estamos a compreender a importância da sua flora e da sua fauna, a aprender o valor incalculável do seu equilíbrio, que importa proteger”.

Outra das muitas Tradições de Aveiro e que nos últimos anos tem sido muito divulgada é uma festa, a festa de São Gonçalinho (que se celebra, em janeiro, no Bairro da Beira-Mar). Este Santo é de celebração tradicional, é considerado um santo casamenteiro e tem a virtude de curar maleitas associadas aos ossos. “Vem de longe esse culto a S.Gonçalo, mas não será fácil determinar com precisão quando principiou” (Martins, 1993, p.72).

Aveiro também é uma das cidades consideradas no tocante à Arte Nova. Esta Arte é bem visível nas casas junto ao Canal Central da Ria que se destacam pelos azulejos nas

suas fachadas: “Manifestações artísticas epidérmicas, híbridas, de forte efeito cenográfico, que favorecem fachadas tipologicamente banais, mercê das potencialidades cromáticas, do brilho e da luz intensa do azulejo” (Rodrigues, 2004, p.46).

Visto que este Relatório mostra um Projeto que teve espaço em duas instituições situadas em São Bernardo, Freguesia pertencente ao município de Aveiro, considera-se relevante abordar aqui, também, as suas características e um pouco da sua História.

São Bernardo é uma das 10 freguesias de Aveiro, encontra-se a cerca de 4 km da cidade e tornou paróquia nos anos 50 do século XX. Antes disso, historicamente, a existência de São Bernardo foi referida várias vezes em documento. Como refere João Gonçalves Gaspar (s/d, p.7), São Bernardo aparece retratado em documentos, pela primeira vez, por volta do ano de 1457, como um sítio de:

Terrenos definidos ou de pequeno aglomerado humano, vai aparecendo em documentos. A primeira prova documental, que isso nos atesta, é dos meados do século XV até princípios do seguinte. Trata-se de uma relação de bens doados à Albergaria de S. Brás, fundada em Aveiro no ano de 1457 por Fernão Vaz de Agomide, contador-mor dos soberanos D. Duarte e D. Afonso V.

Aveiro, incluindo São Bernardo, sempre foi uma zona de pasto e terrenos de cultivo, sendo que estas terras eram férteis, como refere Padre António Carvalho da Costa em 1687 (citado por Gaspar, s/d, p. 7)

Abunda a terra de pão, vinho e legumes; dá frutas, flores e hortaliças em grande quantidade nas hortas e quintas, de que Aveiro por toda a parte se adorna, com viveiros de peixes, capelas, varandas e invenções fontes artificiais e nativas.

Até aos anos 40 do século XX, São Bernardo não estava definido como paróquia nem freguesia, pertencendo esta povoação à freguesia e paróquia da Nossa Senhora da Glória (Mónica, 2005, p. 21), pois:

Tal situação acarretava deslocações incómodas para a população, sendo de salientar, no que respeitava à parte religiosa, a deslocação de um número considerável de crianças em idades de catequese [...]. O mesmo sucedia com pessoas adultas que também tinham de calcorrear a pé as distâncias de cerca de seis quilómetros na ida e volta às suas casas. Face a este problema, começou a ferver a ideia de ser criada em São Bernardo uma paróquia.

Por volta de 1955 e, ao fim de três tentativas infrutíferas, São Bernardo foi considerado paróquia com a promessa da construção de uma igreja nova, assim descreve Manuel R. B. Mónica (2005, p. 26):

Por Decreto do Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, de 4 de Julho de 1955, é criada a Paróquia de S. Bernardo e nomeado o seu primeiro Pároco o Reverendo Padre José Augusto de Miranda Pascoal. Um grupo de homens responsável pelo processo da criação da paróquia já antes se tinha comprometido a prover a sustentação do futuro pároco e a dar satisfação ao pedido do Prelado da Diocese no sentido de construir, no prazo de dez anos, um novo templo.

Por volta de 1963 decorre a construção do novo templo, e com a doença do até então Padre Messias da Rocha Hipólito, foi necessário nomear um pároco residente, o padre José Félix de Almeida. Este reverendo terá reforçado o sentido de união e vontade de progresso e desenvolvimento da população de São Bernardo. Como forma de angariar dinheiro, surgiram os cortejos que eram “uma das significativas fontes de receita, não só para a construção da nova igreja, mas também das outras construções que se lhe seguiram, foram os cortejos de oferendas que com regularidade passaram a realizar-se em espírito de comunidade” (Mónica, 2005, p. 53).

Devido ao crescimento populacional de São Bernardo tornou-se necessária uma Entidade Civil local que atendesse aos problemas e que representasse essa população, pois São Bernardo continuava a pertencer à freguesia de Nossa Senhora da Glória (em Aveiro). Com a ajuda da população e o apoio das freguesias vizinhas, o pároco José Félix de Almeida conseguiu, a 18 de janeiro de 1969, criar a freguesia de São Bernardo.

Considerada paróquia e freguesia, São Bernardo construiu a igreja, escolas, Centro Paroquial de São Bernardo (como apoio à Infância), as escolas do 1.º Ciclo e a do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, posto de correio, centro de saúde, centro desportivo e várias infraestruturas que têm vindo a atrair, cada vez mais, novos residentes.

1.4. Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial surge como forma/meio de abordar a responsabilidade e a importância de preservar e valorizar o Património Cultural e Natural, o Património local e individual. É através da Educação Patrimonial que conseguimos que as crianças/alunos se aproximem e tomem conhecimento deste tema que poderá parecer difícil de desenvolver, mas que se torna acessível ou até intuitivo quando é trabalhado com o que nos rodeia e com o nosso meio social, cultural e regional.

Assim, a Educação Patrimonial tem como principal fundamento a valorização e o não entorpecimento de uma sociedade, de uma comunidade, dos seus Costumes e Tradições, trabalhando a cultura do passado e do presente, o elo entre o que já é passado e o que é o presente. Esta Educação Patrimonial também pode ser abordada e desenvolvida recorrendo à História Local e ao Património da nossa localidade.

Como refere Viviane Adriana Saballa (2007, p. 23), a Educação Patrimonial “trabalha no sentido de que os sujeitos tomem contato com os patrimônios de suas localidades, a fim de assentar em bases sólidas a identidade cultural, com apropriação e valorização de heranças”, estando esta relacionada com a preservação de “bens culturais e resgate da memória, é uma ação social, na medida em que visa à transformação a caminho da construção da consciência identitária, portanto, cidadã, atenta às diversidades regionais, bem como manutenção da ativação das tradições locais”.

Devemos realçar que a Educação Patrimonial é o desenvolver da influência e do valor do nosso Património. É através desta que demonstramos a importância e a identidade de cada um e do seu Património, tanto individual como coletivo, Património esse que é social e cultural. Uma das principais formas de alimentar essa importância é através do reforço da identidade, da valorização e do respeito pela nossa História e cultura: “o Património é pensado simultaneamente como fonte para a compreensão histórica e como conjunto de elementos portadores de memórias coletivas às quais estão ligados sentidos de pertença e de responsabilidade, num processo de reflexão crítica e construtiva sobre o futuro” (Barca, Pinto, 2014, p. 6).

Deste modo, a Educação Patrimonial promove a consciência histórica sendo essencial para que a criança/aluno compreenda o significado do Património e do seu passado, não só físico, mas também cultural, social e económico; e que comparando com o presente o saibam distinguir e valorizar, mas também perceber o porquê do passado e entender o que permanece igual e o que mudou. Sendo assim, será fundamental trabalhar o desenvolvimento de uma consciência histórica desde cedo; só assim as crianças/alunos conseguirão expandir um sentido de valor, de identidade e de respeito, sendo estes necessários para a vida em sociedade: “o desenvolvimento de uma consciência histórica é fundamental para vida em sociedade. Os indivíduos ao

estabelecerem relações num contexto social necessitam de uma orientação para a sua ação” (Rüsen, 2001, citado por Helena Pinto e Isabel Barca, 2013).

Também podemos afirmar que a educação patrimonial é um dos meios de ligação entre escola e a sociedade, permitindo às crianças/alunos a descoberta do seu país, e do meio que os rodeia, através do Património que existe, por exemplo, na sua localidade. De outro modo, o meio envolvente facilita à escola o desenvolvimento da Educação Patrimonial, permitindo a exploração da área envolvente e dos monumentos, arte, datas especiais, festas, Tradições e Costumes. Todos estes fatores promovem a História Local e permitem trabalhar o Património, pois ‘contam’ um passado e os ‘porquês’ do nosso passado. E tanto no 1.º Ciclo do Ensino Básico como na Educação Pré-Escolar é pertinente abordar este tema, para que exista desenvolvimento social, ambiental, cultural e de comunidade em relação ao conhecimento e preservação do seu Património.

Deste modo, considera-se como válida a exploração da Educação Patrimonial, incluindo aqui a História Local, na Educação de Infância; pois acaba por ser um trabalho naturalmente feito no próprio dia-a-dia aproveitando, por exemplo, o facto de se poder celebrar uma data especial, um período diferente (como o Natal, a Páscoa, Feriados, entre outros) ou até mesmo a propósito das estações do ano que também nos trazem essa oportunidade de abordar o passado que continua evidente no nosso presente.

Na educação Pré-Escolar podemos trabalhar estes temas na área de Formação Pessoal e Social que, segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE), é definida como a dimensão que assenta “no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia” (OCEPE, p. 33).

Por outro lado (OCEPE, 2016, p. 33), também é:

nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros, desenvolver a sua autonomia como pessoa e como aprendiz, compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros, valorizar o património natural e social.

Ao trabalhar o Património também aludimos a área do conhecimento do mundo, conhecimento do mundo social onde se encontram incluídas as (OCEPE, 2016, p. 88):

Características físicas, culturais e sociais, da comunidade, tanto em termos mais restritos (rua, bairro, localidade), como em termos mais alargados (outras zonas do país, outros países). Enquanto cidadã europeia, a criança deverá ter oportunidade de desenvolver um sentimento de pertença, que não pressupõe uma identidade uniforme, mas decorre de uma história heterogénea, com influências diferentes resultando numa comunidade plural em termos de vivências, culturas, valores, etc. A abordagem a estes aspetos deve ser feita numa perspetiva global, considerando não só o momento presente, como também o passado próximo ou distante, promovendo-se na criança a compreensão gradual da sua situação no espaço e no tempo sociais.

Analisando estas *Orientações*, observa-se que a criança precisa de todo o conhecimento do seu passado, do passado onde vive, e do seu meio para que poder desenvolver-se de forma integral. Começando esta atividade desde cedo, a descoberta do mundo permitirá que seja recebida, reconhecida e integrada no seu meio e desenvolver a sua identidade. No 1.º Ciclo também se trabalha esta área através do *Estudo do Meio* abordando-se não só o seu meio, mas também o cuidado que devemos ter para o preservar. Salienta-se que através das *Aprendizagens Essenciais do Estudo do Meio* o aluno do 1.º ciclo do Ensino Básico (2018, p. 2) deve conseguir:

- “Valorizar a sua identidade e raízes, respeitando o território e o seu ordenamento, outros povos e outras culturas, reconhecendo a diversidade como fonte de aprendizagem para todos.
- Identificar elementos naturais, sociais e tecnológicos do meio envolvente e suas inter-relações.
- Identificar acontecimentos relacionados com a história pessoal e familiar, local e nacional, localizando-os no espaço e no tempo, utilizando diferentes representações cartográficas e unidades de referência temporal”.

Ainda se destacam no Programa de *Estudo do Meio* do Ensino Básico do 1.º Ciclo (OCEP, 2006, p.103) – alguns objetivos gerais considerados como pertinentes:

- “Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de autoestima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes.
- Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal.
- Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação”.

Constata-se, assim, que a Educação Patrimonial está presente tanto ao nível do Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico. É uma temática que é abordada com frequência e que serve como fonte para que a criança/aluno possa conhecer-se a si e ao seu meio, as suas raízes, a sua cidade, o seu país e o mundo. A partir deste também se consegue conhecer e perceber que existem outras realidades diferentes daquelas em que vivemos e que todos somos iguais, mas também somos diferentes na nossa cultura, que o mundo muda constantemente, mas que também mantém pode preservar Costumes, Tradições e História. Esta ampla diversidade – pessoas, Património e História – faz parte do nosso presente e do nosso futuro.

CAPÍTULO II – Caracterização dos Contextos e Desenvolvimento do Projeto

1. Caracterização da comunidade envolvente em que se inserem os contextos educativos

Como já foi referido, o presente Projeto de Intervenção decorreu em dois contextos educativos situados na freguesia de São Bernardo. Esta freguesia pertence ao Concelho de Aveiro e localiza-se a cerca de quatro quilómetros do centro da cidade podendo ser considerada como uma zona ‘dormitório’ da cidade. Embora neste momento já existam algumas pequenas e médias empresas em desenvolvimento a nível local, São Bernardo continua a ser uma zona com alguns meios rurais, zonas onde as pessoas ainda dependem da produção agrícola, pois a localidade sempre esteve dependente desse setor primário.

No domínio da educação, encontram-se nesta freguesia duas salas de pré-escolar, duas escolas do 1.º Ciclo e uma escola do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, pertencentes à rede pública. Na categoria de rede privada existe uma sala de berçário, quatro salas de creche, cinco salas de pré-escolar, um Centro de Atividades dos Tempos Livres (C.A.T.L.) e alguns centros de estudos.

Na área da saúde pode-se encontrar uma unidade de saúde pública e um *Centro de Atendimento a Toxicodependentes*. Na área ao apoio social à comunidade existe a *Fundação Padre Félix*, a *Associação de Apoio ao Imigrante* e um *Centro de Animação Comunitária*, sendo que estes dois últimos estão sediados no edifício da Junta de Freguesia.

1.1. Caracterização do contexto do pré-escolar

No tocante ao espaço físico, o edifício da Instituição onde se realizou este projeto contém cerca de dezassete salas de atividades onde se desenvolve o trabalho diário da Creche, do Pré-Escolar e do Centro de Atividades dos Tempos Livres. Existem também nestas instalações uma sala de música, duas Bibliotecas, uma sala parque para a creche e salas de apoio destinadas à terapia da fala e ao serviço de psicologia. Para além destes espaços, também podemos encontrar também dois refeitórios, quatro salas polivalentes, dois gabinetes de atendimento, a cozinha, os serviços

administrativos, casas de banho devidamente equipadas para crianças, sanitários para adultos e, ainda, um espaço exterior bastante amplo com um parque de areia, um parque com relva e uma área verde.

1.2. Caracterização do grupo do pré-escolar

O grupo de pré-escolar caracteriza-se por ser heterogéneo. É constituído por 21 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Este grupo é composto por 11 meninos e 10 meninas. Destaca-se que quatro crianças têm 3 anos de idade, sete crianças 4 anos e as restantes dez registam 5 anos.

Visando integrar as crianças mais novas no grupo, a educadora desenvolveu uma estratégia de adaptação formando duplas com um ‘padrinho’ e um ‘afilhado’, sendo que as crianças mais velhas desempenharam o papel de ‘padrinho’ os das mais novas. Esta estratégia teve como objetivo principal apoiar as crianças mais novas na sua integração no grupo, o aumento da confiança e da segurança. Por outro lado, as crianças mais velhas desenvolvem um sentido/espírito de responsabilidade e de entreaajuda.

Considera-se que a sala está bem adaptada às crianças, sendo composta por diferentes áreas e reunindo as condições propícias ao conforto das crianças, pois esta é ampla, com bastante luz natural, um bom nível térmico e devidamente ventilada.

Nesta sala encontram-se, também, algumas referências sobre a pedagogia do *Movimento da Escola Moderna* (MEM) que apoiam na organização do ambiente educativo da sala: “Quero mostrar, contar e escrever”; “Mapa das Tarefas”; “Mapa das Presenças”; “Mapa das Atividades”. Existe também na sala o *Mapa do Tempo*, o *Mapa da Data* e das *Estações do Ano*.

O grupo revelou-se muito unido, motivado, participativo e integrado nas rotinas e atividades desenvolvidas na sala ou fora dela.

1.3. Caracterização do contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico onde foi implantado o presente Projeto, situa-se inicialmente, durante a observação, em contentores com oito salas de aula. No entanto, após interrupção letiva foram inauguradas as novas instalações localizadas no mesmo recinto e foi feita a mudança imediata dos alunos para as respetivas salas do edifício novo.

Com uma organização totalmente diferente das instalações anteriores, a escola nova obedece a uma arquitetura já do século XXI e é composta por oito salas de aula. No rés-do-chão existem quatro salas de aula, três casa de banho, uma para raparigas, outra para rapazes e uma terceira para os funcionários e professores; um átrio de entrada, uma sala de arrumos e um pavilhão polivalente. No 1.º andar existem quatro salas de aula, duas casas de banho (feminina e masculina), dois arrumos e a Sala dos Professores.

1.4. Caracterização do grupo do 1.º Ciclo do Ensino Básico

O grupo que recebeu o Projeto no 1.º Ciclo do Ensino Básico pertencia ao 2.º ano de escolaridade e era composto por 24 alunos – 11 raparigas e 13 rapazes. Destaca-se a existência de dois alunos, um rapaz e uma rapariga, de nacionalidade angolana que residem em Portugal desde 2019. Os restantes alunos têm a nacionalidade portuguesa.

Para além da componente de *Português, Estudo do Meio, Matemática, Educação Física e Educação Artística*, o horário da turma inclui uma aula semanal do *Plano Nacional das Artes*, uma ida à biblioteca e a aula de TIC.

A sala está organizada com cinco conjuntos de três mesas permitindo a formação de grupos de cinco alunos em cada conjunto de mesas. Assim, os alunos trabalham em conjunto e todos os elementos do grupo têm de chegar a um consenso para a realização dos vários trabalhos, tarefas e debates realizados, existindo sempre um chefe e um porta-voz do grupo eleito todas as semanas.

Como foi referido, no início do Estágio, ainda na fase de observação, a sala de aula localizava-se num contentor, onde existia pouco espaço entre mesas para arrumação

de mochilas e materiais necessários. Após a inauguração das novas instalações, a turma passou para uma sala mais ampla, com uma capacidade ampla de arrumação, iluminação natural e ventilação. Estas características facilitaram a organização do espaço e proporcionaram o ensino e a aprendizagem. Esta sala também está equipada com quadro interativo, quadro branco e *placards* para afixar os trabalhos dos alunos.

Devido à pandemia do COVID-19, o Ministério da Educação decidiu suspender as atividades letivas presenciais, em Março de 2020, ficando assim a Prática Pedagógica também interrompida. No início do 3.º período foi retomada essa Prática, sendo que entrámos, primeiramente, em contacto com a Orientadora Cooperante que nos informou como as aulas seriam lecionadas e o novo horário das mesmas. A opção passou pelo ensino à distância usando a plataforma do *Microsoft Teams*.

Tivemos sempre contacto com os alunos, estando presentes em todas as aulas *on-line*, ajudando a elaborar/preparar recursos didáticos e participando também em reuniões promovidas pela Cooperante a turma. Estas alterações transformaram as habituais dinâmicas letivas como também alteraram a nossa, dinâmica com o grupo de alunos e, como consequência, o projeto curricular.

Apesar das mudanças impostas por uma realidade nova, a turma mostrou sempre uma capacidade de relacionamento amigável, havendo uma boa ligação entre professores e alunos com uma preocupação especial em ajudar o próximo, tanto nas aulas presenciais como no ensino *on-line*. Considera-se que se gerou um ambiente relacional positivo, tanto em sala de aula como fora dela, que terá sido essencial para proporcionar níveis de bem-estar emocional, de interesse e de envolvimento nas atividades propostas.

2. Atividades realizadas no âmbito do Projeto de Intervenção

Salienta-se que o objeto desenvolvido neste projeto tem a sua origem nas primeiras observações e sessões realizadas no 1.º semestre no âmbito da Educação do Pré-Escolar (anexo 1), pelo que surgirão aqui algumas alusões a essa fase. Por outro lado, regista-se que, com o início da pandemia no 2.º semestre, no decorrer da Prática já no

1.º ciclo (anexo 2), não foi possível realizar todas as atividades previamente pensadas para os alunos do 2.º ano.

Procede-se, aqui, à descrição das sessões promovidas, optando-se, devido ao forte carácter pessoal inculcado nas mesmas, pela utilização, em algumas ocasiões, da 1.ª pessoa do singular.

Como já foi referido, este projeto de intervenção teve como objetivo principal estimular e desenvolver o conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial português (local e nacional) recorrendo, principalmente, às tradições procurando desenvolver o sentido de pertença, a identidade e a ‘responsabilidade patrimonial’ de cada criança/aluno envolvido.

2.1. Planificação do projeto de intervenção no Pré-Escolar com o tema “O Património Cultural Imaterial – Tradições”

Objetivo: Incrementar conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial do seu país, através das Tradições, desenvolvendo o sentido de pertença, de identidade e de responsabilidade.

Descrição das Sessões

- **1.ª Sessão – 21 de outubro de 2019**

Quadro 1 – Resumo da 1.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.	<ul style="list-style-type: none">○ Leitura e projeção de uma história relacionada com o tema. Título: “O Rui Ajuda nas Vindimas”○ Visita de Crianças da sala de creche II a explicar o processo das vindimas	<ul style="list-style-type: none">○ Introduzir o tema como forma de o explorar.○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente.

- Conversa sobre as tradições que envolvem a produção do vinho.

Descrição da sessão

Esta primeira sessão teve como principal inspiração um projeto sobre as vindimas criado anteriormente em conjunto com as crianças. Surgiu através da reunião matinal com as crianças, em que uma criança relatou uma visita que efetuou a uma quinta onde decorria o processo da vindima. Aproveitei para abordar e explorar um pouco mais esse tema junto das crianças, visto ser uma tradição da época e achar importante valorizar esse costume/tradição.

Começámos, então, por (re)introduzir o tema, questionando as crianças sobre algo que tinha sido referido na semana anterior sobre as vindimas. Algumas crianças responderam afirmativamente e outras negativamente. Posteriormente, fizemos uma pequena leitura de uma história relacionada com o tema. Escolhemos ler e projetar, então, a história “O Rui ajuda nas Vindimas” que aborda todo o processo desta

atividade e no fim incluímos imagens de alguns utensílios usados nas vindimas.

No âmbito desta intervenção recebemos também a visita de meninos da sala de creche II que nos vieram apresentar o seu trabalho sobre as vindimas, explicando o processo inerente – desde a apanha das uvas até à obtenção do produto final.



Simulação de uma Videira

A terminar esta primeira intervenção decidimos tentar simular uma ‘videira humana’ no meio da sala, sendo esta composta por ramos e cachos verdadeiros, onde o objetivo era que a criança tivesse contacto e explorasse a mesma, podendo tocar, observar e cheirar. Cada criança teve a sua vez de observar, tocar e simular cheirar a videira. Foi uma atividade em que as crianças foram muito participativas e revelaram curiosidade e interesse.



Simulação de uma Videira

• **2.ª Sessão – 22 de outubro de 2019**

Quadro 2 – Resumo da 2.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Apresentação de vídeos, sobre as canções típicas, cantadas na vindima; ○ Conversa com as crianças sobre a possibilidade de conhecerem algumas canções e discussão sobre as imagens destacadas no vídeo. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar várias áreas ao projeto como, por exemplo, a área da música.

Descrição da sessão

Na sequência da 1.ª sessão, abordamos outra característica típica das vindimas, as cantigas. No dia anterior uma criança referiu que as pessoas



Imagens retiradas do vídeo

cantavam enquanto pisavam as uvas no lagar. Começámos, então, por referir essa afirmação e introduzimos o tema das cantigas. Mostrámos algumas cantigas através do vídeo que, propositadamente, mostrava imagens antigas das vindimas e como eram feitas tradicionalmente: sem máquinas ou as tecnologias utilizadas no século XXI. As crianças questionaram e mostraram interesse, imediato, nesta atividade. Questionámos se conheciam aquelas músicas e canções, como a “Oliveirinha da Serra”. Responderam negativamente.

Este facto reforçou a pertinência de mostrar e explicar as tradições presentes em Portugal e como isso marca a nossa História e Património.

- **3.ª Sessão – 23 de outubro de 2019**

Quadro 3 – Resumo da 3.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Construção de cachos de uvas com recurso a caixas de ovos. ○ Elaboração de um ‘mini-livro’ com palavras dos instrumentos utilizados na vindima. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar várias áreas no projeto como, por exemplo, as áreas de expressão plástica e da escrita.

Descrição da sessão

Para reforçar o trabalho desenvolvido anteriormente, decidimos construir cachos de uvas (anexo 3) com caixas de ovos. Para isso, pedimos às crianças que cortassem e pintassem caixas de ovos para, após estas secarem, que se juntaram para simular cachos de uvas. Ajudámos as crianças ao longo de todo o processo e no fim pendurámos os cachos na sala.



Cachos de uvas feitos pelas crianças

Fizemos também um ficheiro de escrita, um 'mini-livro' com imagens dos utensílios necessários para realizar as vindimas, sendo este colocado na área de escrita, dentro da sala, para as crianças terem acesso e poderem copiar.



- **4.ª Sessão – 24 de outubro de 2019**

Quadro 4 – Resumo da 4.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Realização do jogo das cadeiras com música típica cantada nas vindimas. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar áreas ao projeto como, por exemplo, a Área Motora.

Descrição da sessão

Como forma de dinamizar, também, a atividade física e lúdica no âmbito deste projeto, decidimos fazer o jogo da cadeira e ligá-lo às cantigas das vindimas já ouvidas anteriormente. ao período manhã foi ocupado com a aula de *Educação Física* e, de seguida, as crianças concluíram a elaboração dos cachos de uva. Entre o lanche da manhã e a hora do almoço preparámos então o tradicional jogo das cadeiras.

Este jogo consiste em colocar as cadeiras de maneira a formar um círculo, as crianças colocam-se à volta desse círculo. Sublinha-se que o número de crianças é superior ao número de cadeiras e, enquanto a música toca, todas têm de circular/correr em volta do círculo. Quando a música pára todas as crianças têm de tentar sentar-se e quem não conseguir sentar-se sai do jogo e retira-se uma cadeira, e assim sucessivamente até haver apenas uma cadeira para dois últimos candidatos.

Nesta atividade pudemos observar o quão importante e útil pode ser o jogo, especialmente no desenvolvimento da criança e na questão de saber ganhar e perder. Notámos que existem crianças que não conseguem lidar bem com o facto de perderem em jogos de competição, exteriorizando frustração e alguma revolta



Crianças a brincar ao Jogo das Cadeiras com Música das Vindimas

quando perdem. Tentámos sempre contrariar esse facto e incentivar que o jogo deve ser uma forma de divertimento e de brincadeira e não exclusivamente a competição para enaltecer o triunfo dos vencedores.

• **5.ª Sessão – 28 de outubro de 2019**

Quadro 5 – Resumo da 5.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introdução do tema “Pão por Deus”, explicação da sua origem e comparação ao <i>Halloween</i>. ○ Amostra dos saquinhos utilizados nesta atividade e tradição, e dos bolinhos que eram 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar várias áreas ao projeto.

	oferecidos dentro dos mesmos e sua história.	
--	--	--

Descrição da sessão

Nesta sessão o tema abordado foi a tradição do chamado “Pão por Deus”. Começou por ser referido, em primeiro lugar, o *Halloween*. O objetivo centrou-se na comparação destas duas tradições, tentando confrontar e estabelecer diferenças entre as duas (por exemplo, quanto ao país de origem), mas também elementos em comum. Expliquei o início desta tradição no nosso país, referindo que esta terá começado com o terramoto de 1755, em Lisboa, e que era uma forma de as pessoas conseguirem alimento numa situação de escassez grave alimentícia. Mais tarde, generalizou-se o consumo do “Pão por Deus”, sendo este mais direcionado para as crianças.

Neste primeiro dia expliquei esta tradição, mostrei os saquinhos de retalhos (anexo 4) que se costuma usar e ainda falei nos Santorinhos que são pequenos pães que normalmente são oferecidos dentro do saco de retalhos. Para que todos na instituição ficassem a saber o que estávamos a descobrir sobre o dia 1 de novembro, decidimos elaborar um panfleto explicativo (anexo 5). No fim da explicação do que era o “Pão por Deus” eu e mais duas crianças tirámos as ideias mais importantes do que foi dito e escrevemos e construímos um panfleto para entregar.

Dar a conhecer os Sacos de Pano utilizados no Pão por Deus



- **6.ª Sessão – 29 de outubro de 2019**

Quadro 6 – Resumo da 6.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.	○ Conversa com as crianças para relembrar a história da tradição do “Pão por Deus”	○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente.

	<p>falada no dia anterior;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Início da elaboração da receita do “Pão por Deus”, com a leitura dos ingredientes; ○ Em seguida, cada criança coloca um ingrediente no recipiente; ○ Foram feitas bolinhas com a massa e, de seguida, levadas ao forno para assar. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Associar áreas ao projeto como, por exemplo, a área de matemática.
--	---	--

Descrição da sessão

Dando continuidade à intervenção anterior, prossegui a abordagem sobre a tradição do “Pão por Deus”. Conversei com as crianças sobre o assunto, lembrei a história desta tradição e as várias curiosidades que ela nos proporcionou.

Seguidamente, iniciei a preparação da receita para fazer os “Pães por Deus”. Li alto os ingredientes e o modo de preparo. Cada ingrediente foi colocado pelas crianças; uma de cada vez e sob a minha ordem. Eu iniciei o processo de mistura de todos os ingredientes e a educadora deu

continuidade à elaboração da massa dos pães. Finalizamos o processo de preparação dos “Pães por Deus” e a cozedura no forno da instituição enquanto as crianças estavam na aula de Música.

Nesse dia, ao almoço, cada



Confeção dos Santorinhos



Santorinhos

criança comeu um pequeno pãozinho como recompensa pelo trabalho realizado e como incentivo para a atividade do dia seguinte.

- **7.ª Sessão – 30 de outubro de 2019**

Quadro 7 – Resumo da 7.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.	○ Distribuição dos “Pães por Deus” e dos folhetos, elaborados nos dias anteriores, pelas salas do pré-escolar e da creche da instituição.	○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar áreas ao projeto como, por exemplo, a área de Matemática.

Descrição da sessão

Neste dia pegámos nos saquinhos do “Pão por Deus”, contendo os Santorinhos feitos no dia anterior, e nos panfletos que distribuámos por todas as salas do Pré-Escolar, da Creche, Secretaria e cozinha da instituição (anexo 6). Em todas as visitas levámos sempre crianças diferentes para todos terem oportunidade de entregar e explicar o que tínhamos feito. Achei que estas atividades foram muito enriquecedoras para as crianças e para nós, pois esta tradição tem sido um tanto ou quanto esquecida na atualidade. Confesso que não conhecia esta tradição e que a atividade foi proposta pela nossa Educadora Cooperante revelando-se como muito interessante e produtiva.

- **8.ª Sessão – 12 de novembro de 2019**

Quadro 8 – Resumo da 8.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
○ Reconhecer e	○ Introdução ao tema da	○ Introduzir o tema

<p>valorizar laços de pertença social e cultural.</p>	<p>história do São Martinho. Questionar as crianças se sabem quem era São Martinho e qual a história que originou a tradição.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Visualização de um vídeo com a história de São Martinho. ○ Posteriormente, fomos ao magusto que se realiza todos os anos na instituição com castanhas assadas na fogueira. 	<p>como forma de o explorar.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente.
---	---	--

Descrição da sessão

Esta sessão foi dedicada ao Magusto, pois foi neste dia que a instituição festejou o São Martinho. Decidi abordar este tema como forma de início de festejo e meio para as nossas crianças conhecerem um pouco sobre este dia e esta tradição. Comecei por questionar as crianças para perceber o que conheciam a este respeito. Na verdade, poucas conheciam a lenda de São Martinho e como forma de relembrar esta tradição, mostrei um vídeo direcionado para crianças que contava a história de São Martinho (anexo 7). Terminado o vídeo, debatemos mais um pouco sobre o tema e cada um pegou no seu cartucho. Fomos todos para o magusto onde vimos, em segurança, as castanhas na fogueira, cantamos e dançamos ao som do



Vídeo sobre São Martinho



Celebração do dia de São martinho

acordeão e comemos as castanhas (anexo 8).

- **9.ª Sessão – 10 de dezembro de 2019**

Quadro 9 – Resumo da 1.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.	○ Realização de um inquérito (oral) sobre as tradições e os costumes. ○ Posteriormente, procede-se ao debate acerca do que são as tradições e costumes recorrendo a exemplos de algumas tradições típicas do nosso país.	○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar várias áreas ao projeto.

Descrição da sessão

Esta sessão teve a duração de 25 minutos. Começámos por nos sentar na manta e, em grande grupo, perguntei se, após as sessões anteriores, se sabiam o que eram as tradições. Várias crianças responderam que “não” e apenas uma pequena fração dessas crianças respondeu – “sim”. Obtive algumas respostas caricatas, mas outras muito interessantes também. Das quatro respostas afirmativas destacaram-se duas, sendo estas as mais pertinentes:

Criança Af – “Acho que são pessoas que fazem coisas, como por exemplo, as festas, o ‘bailinho da Madeira’. Acho que também são tradições as pessoas que cozinham a comida portuguesa”.

Criança L – “Eu acho que as tradições são as pessoas que fazem festas na rua, como a ‘feira do cão’, quando fazem vendas”.

Após as respostas das crianças, referi que algumas estavam, de algum modo, corretas e passei a explicar que as tradições constituem uma ação que passa de geração em

geração e que podem ser formadas por memórias, música, lendas, gastronomia, práticas comportamentais, entre outros exemplos. Elenquei algumas tradições, como o Natal, o “Pão por Deus”, o *Halloween* (relembrando atividades que já tínhamos desenvolvido com eles). De seguida, perguntei se alguma criança se lembrava de mais alguma tradição/tradições, e muitos responderam invocando a Páscoa, a Feira do Março, o São João, e o Afonso ainda pormenorizou o foliar da Páscoa.

Esta sessão tinha como objetivo principal conseguir relembrar atividades já desenvolvidas e que as crianças tomassem conhecimento mais pormenorizado, e compreendessem melhor o conceito de tradição. Por outro lado, alertar para os nossos costumes, despertar interesse e curiosidade para com as tradições e, além disso, recolher dados sobre o seu conhecimento em relação ao tema. Desta forma, considera-se que os objetivos foram atingidos.

- **10.ª Sessão – 11 de dezembro de 2019**

Quadro 10 – Resumo da 2.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Abertura do dia 11 de novembro do calendário do advento. Leitura da mensagem prevista para este dia. (dia 11 – Pergunta a pessoas mais velhas como são/eram as suas tradições de Natal). ○ Diálogo sobre as tradições (tema esclarecido no dia anterior) e sobre as suas tradições do Natal. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar várias áreas ao projeto.

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Visita de senhoras idosas de um Lar de Terceira Idade à nossa sala – iniciativa promotora do diálogo intergeracional através de iniciativas promotoras da aproximação entre gerações e da partilha de histórias de vida e da infância; especialmente a tradição e a identidade local ligadas ao Natal – partilha de tradições e costumes de Natal entre gerações, para se aperceberem das diferenças do Natal de hoje por confronto estabelecido com o Natal de antigamente. 	
--	--	--

Descrição da sessão

Na segunda sessão (dia 11 de dezembro de 2019) começámos por fazer a reunião matinal habitual. Escolhi uma criança para abrir o dia 11 do calendário do advento em que a mensagem destinada para esse dia foi a seguinte – “Pergunta a pessoas mais velhas como são/eram as suas tradições de Natal”. Após esta ação, convidei as crianças a relembrar as tradições.

Para concretizar esta atividade contámos com o apoio do Centro de Dia que nos possibilitou a visita de quatro senhoras da terceira idade à nossa sala (anexo 9). Chegadas e acomodadas as nossas visitas, estas apresentaram-se e, de seguida,

decidimos solicitar a estas convidadas que contassem como decorria, no passado, o seu Natal; como acontecia e como era celebrado quando eram crianças. Uma a uma foram descrevendo o seu Natal quando se encontravam na sua 'primeira idade'. Partilharam o que se recebia, quais os pratos típicos das suas ceias, as tradições praticadas em cada uma das famílias (hábitos, gastronomia, rituais, celebrações, ofertas...). Referiram, ainda, que na sua infância não existia o 'Pai Natal', mas sim o Menino Jesus que deixava uma prendinha no sapato na noite de 24 para 25 de dezembro.

Educadora estagiária Margarida – Bom dia. Convido as Senhoras a contar/partilhar como era, como foi, o vosso Natal quando eram crianças? Gostávamos muito de conhecer como decorria o Natal na vossa infância:

D.^a Madalena – “Tínhamos a ceia e depois íamos à missa do Galo. Colocávamos o sapatinho na chaminé no dia 24 e, no dia seguinte, tínhamos lá um chocolatinho ou um 'tareco' (objeto de pouco valor)”.

D.^a Fernanda – “O meu Natal era uma mesa posta com alguns doces tradicionais, como as conhecidas rabanadas e bilharacos, e a aletria. Também comia galo assado. Como já foi dito, também colocávamos o sapatinho junto à chaminé e, no dia 25 de manhã, abriam-se as prendas que, afinal, era só uma naquele tempo”.

D.^a Maria – “Eu tive um Natal muito pobre. Normalmente o que tinha no sapatinho era uma ou duas castanhas que tinham sobrado do dia anterior. Ouvia as minhas amigas a comentar que tinham recebido prendas. Mas eu não me importava com isso; era feliz na mesma”.

D.^a Maria José (filha de portugueses a residir no Brasil) – “O meu Natal era parecido, mas eu não tinha pinheiro porque não havia pinhais no Brasil. Escrevia ao 'Papai Noel' e recebia sempre o que pedia, bonecas e a casa para as bonecas. Como os meus pais eram portugueses, a minha ceia era portuguesa: tínhamos arroz doce, aletria, rabanadas e passas”.

Algumas crianças interferiram introduzindo alguns comentários a propósito dos pratos típicos das suas ceias de Natal – que são idênticos aos das nossas convidadas.

Criança L – “A minha avó também faz bacalhau que comemos à noite”.

Criança AI – “Na minha casa também fazemos aletria e rabanadas, mas eu não gosto”.



Visita das senhoras da terceira idade à sala.

Objetivamente, o intuito desta visita centrou-se na oportunidade de partilha com as crianças, por parte destas senhoras mais velhas, das suas recordações e tradições de Natal. Esta sessão serviu para dinamizar o tema

Natal a celebrar neste mês de dezembro, mas também lembrar que o propósito do Natal não é apenas receber. Procurou-se enfatizar que o Natal também representa transmitir e partilhar amor, respeito e convívio com aqueles que nos são mais próximos, valorizar essa vertente da magia do Natal. Nesta sessão as crianças também constataram uma realidade diferente da vivida hoje pelo exemplo de como decorria o Natal no século XX. Partilharam-se costumes, tradições e a gastronomia típicas desta época festiva. Foi um momento imensamente enriquecedor tanto para as crianças, que também partilharam algumas tradições praticadas nas suas famílias, como também para nós, educadoras, e para as senhoras que alegremente manifestaram disponibilidade para nos visitarem e partilhar aspetos importantes da sua infância correspondente a um século diferente daquele em que nos encontramos.

- **11.ª Sessão – 16 de dezembro de 2019**

Quadro 11 – Resumo da 3.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.	<ul style="list-style-type: none"> ○ Diálogo sobre a festa de Natal. ○ Diálogo sobre a última sessão realizada (a visita das senhoras idosas de um Lar de Terceira Idade à nossa sala – iniciativa promotora do diálogo intergeracional através de relações de aproximação entre gerações e de partilha de histórias de vida e da infância, especialmente 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Introduzir o tema como forma de o explorar. ○ Relembrar o passado e associá-lo ao presente. ○ Associar várias áreas ao projeto.

	<p>a tradição e a identidade local ligadas ao Natal).</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Observação de imagens de pratos típicos do Natal português e ligação às diferentes regiões do país (com imagens dos pratos típicos que serão colocados na respetiva região no mapa de Portugal). ○ Leitura de uma história de Natal relacionada com o nascimento de Jesus (<i>Babushka</i>). 	
--	---	--

Descrição da sessão

Esta sessão demorou cerca de 30 minutos. Começamos o dia com a reunião matinal, abrimos o calendário do advento do dia 16 e falámos um pouco sobre a Festa de Natal que tinha acontecido no domingo anterior. Falámos da sessão anterior, em que tivemos a visita de quatro senhoras idosas à nossa sala para falar das suas tradições de Natal quando eram crianças. Esta terceira sessão apoiou-se na segunda sessão e abordou a gastronomia típica do Natal. Relembrei os pratos típicos que foram referidos na sessão anterior e estivemos a descobrir a cozinha típica de cada região do país nesta festividade. Fui mostrando as imagens de pratos típicos perguntando às crianças se conseguiam identificar algum desses pratos.

Mostrei pratos típicos de várias regiões de Portugal e pratos comuns à totalidade do país como, por exemplo, a aletria e o bacalhau. Desenvolvemos, com a ajuda de um mapa de Portugal, a localização geográfica e as zonas do país correspondentes a estes pratos (anexo 10).



Mapa de Portugal para ilustrar as regiões.

Ao mostrar os pratos muitas das crianças referiram que os conheciam e que eram comuns à sua ceia de Natal.

Criança L – “Na casa da minha avó também comemos bacalhau na noite de Natal”.

Criança Af – “Em minha casa também fazemos aletria e rabanadas.

Adoro aletria”.

No fim desta atividade lembrei o propósito do Natal, que este está faz parte da religião católica e da celebração católica do nascimento de Jesus Cristo, recorrendo ao livro a “Babushka” que é designado como um auto de Natal (anexo 11). Esta sessão correu de acordo com o planeado e as crianças mostraram interesse e curiosidade pautada pela participação entusiasmada; cumprindo-se, assim, os objetivos estabelecidos.



Leitura do livro “Babushka”.

2.2. Planificação do Projeto de Intervenção adaptado ao Ensino à Distância no 1.º Ciclo com o tema “Património Cultural Imaterial”

Objetivo: Incrementar conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial do seu país, através das Tradições, desenvolvendo o sentido de pertença, de identidade e de responsabilidade.

- 1.ª Sessão – 14 de maio de 2020

Quadro 12 – Resumo da 1.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer datas, factos e locais significativos para a história pessoal ou das pessoas que lhe são próximas, localizando-os em mapas ou plantas e numa linha de tempo. ○ Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive através da recolha de informação em várias fontes documentais. ○ Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Alusão ao tema, apresentação de um vídeo sobre a História de vida da Princesa Santa Joana. Exposição de imagens do Museu de Santa Joana, da estátua e retrato da Princesa através de uma apresentação em <i>PowerPoint</i>. Conversa sobre o feriado de Santa Joana Princesa suas tradições e costumes com os alunos. <p><u>Tarefa para Casa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Elaboração de uma tarefa cujo objetivo consiste em preparar um retrato da Princesa Santa Joana seja desenhado/pintado ou feito com materiais reciclados. Colar pétalas no rebordo da moldura, pétalas verdadeiras secas ou feitas de papel. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Incrementar conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial do seu país, através das Tradições, desenvolvendo o sentido de pertença, de identidade e de responsabilidade.

Descrição da sessão

A primeira sessão decorreu no dia 14 de maio, quinta-feira, às 11h30, com a duração de cerca de 30 minutos. Esta sessão desenrolou-se no dia em que havia a aula de apoio exclusiva em que a turma estava disponível só com a professora titular. Salienta-se que esta sessão foi a primeira que realizei e recorrendo ao computador, facto que condicionou a interação com os alunos. Este fator provocou-me alguma ansiedade e nervosismo, pois trata-se de algo diferente: falar através de um computador é diferente da comunicação/proximidade presencial. Mesmo assim, considera-se que a sessão correu bem e que os alunos foram participativos. Iniciei a sessão questionando sobre o feriado que tínhamos acabado de comemorar na terça-feira passada, dia 12 de maio. Alguns alunos responderam imediatamente referindo o feriado municipal da cidade de Aveiro, o dia de Santa Joana Princesa. Passei, então, para a partilha da apresentação previamente elaborada, em *PowerPoint*, que principiou com a visualização de um vídeo sobre a história e a lenda associada à Princesa Santa Joana (anexo 12).

Após a visualização do vídeo, mostrei imagens do Museu de Aveiro (antigo Mosteiro de Jesus), da estátua da Princesa e o seu retrato (anexo 13). Ao mostrar a imagem do Museu questionei se alguém conhecia ou tinha visitado o Museu de Aveiro. A maior parte dos alunos respondeu que nunca tinha ido visitar o museu e poucos responderam afirmativamente. Contudo, um aluno afirmou que já tinha visitado o Museu mais de oito vezes. Quando mostrei a imagem da estátua da Santa Joana Princesa, localizando-a no espaço, referi que a mesma se encontra em frente ao Museu e perto da Sé de Aveiro.

Após a exploração das imagens da estátua e do retrato da Santa Joana Princesa, referi que, a propósito da comemoração do dia 12 de maio, é organizada uma procissão em honra da Santa Joana, explicando que esta consiste num cortejo que se realiza nesse dia e que percorre algumas ruas da cidade. Perguntei se conheciam ou se já



tinham assistido a este evento – as respostas recebidas foram, maioritariamente, negativas.

Acrescentei outra dimensão do evento ao questionar se os alunos tinham conhecimento da lenda associada à Santa Joana. Os alunos responderam que não conheciam qualquer tipo de lenda associada à Princesa Santa Joana. Comecei por questionar se sabiam o que é uma lenda. Responderam o seguinte:

Aluno RF – “Eu sei o que é, mas não sei explicar”.

Aluna MH – “Uma lenda é uma coisa que as pessoas contam que aconteceu há muito, muito, tempo”.

Respondi à aluna com a definição de lenda, que é uma narrativa que pode partir de factos verdadeiros, mas também pode incluir alguma fantasia. Referi, posteriormente, que a lenda associada à Santa Joana Princesa ocorreu após a sua morte. Quando o



Exemplo de atividade desenvolvida por um aluno.

seu caixão passou pelo jardim todas as plantas ficaram tristes e deixaram cair as suas pétalas e folhas como lamento da sua morte.

Seguidamente, mostrei e expliquei a tarefa que iria solicitar que realizassem em casa e avancei com algumas ideias e sugestões concernentes a como fazer (anexo 14). O objetivo da tarefa consistia em relembrar o feriado municipal e associá-lo à lenda da Santa Joana. Nesse sentido, realizaram um retrato de Santa Joana decorando-o, em toda a volta, com pétalas verdadeiras ou feitas em papel/material reciclado. No fundo, pretendi trabalhar a lenda da Santa Joana pelo estímulo da criatividade. Considera-se que esta atividade plástica e artística cativou os alunos que se refletiu na qualidade dos trabalhos apresentados (anexo 15).

Sublinhei que tratar-se de uma tradição da nossa cidade, Aveiro, e que as tradições devem ser explicadas e mantidas evitando para não se perderem.

• 2.ª Sessão – 26 de maio de 2020

Quadro 13 – Resumo da 2.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer datas, factos e locais significativos para a história pessoal ou das pessoas que lhe são próximas, localizando-os em mapas ou plantas e numa linha de tempo. ○ Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive através da recolha de informação em várias fontes documentais. ○ Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Apresentação de um <i>PowerPoint</i> alusivo ao tema, recordando o trabalho anterior da colega de diáde ('BI de José Estevão'). Explorámos e relembramos a vida de José Estevão fazendo referência ao Agrupamento de Escolas José Estevão e à sua escola principal (o antigo Liceu de Aveiro), à estátua desta figura existente na cidade e a comemoração do dia 25 de maio – explicando o significado. Como forma de consolidar este conteúdo dinamizámos um jogo que apresentava uma pergunta e os alunos teriam que escolher a resposta correta. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Incrementar conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial do seu país, através das Tradições, desenvolvendo o sentido de pertença, de identidade e de responsabilidade.

Descrição da sessão

Esta sessão foi dividida com a minha colega de diáde, estendendo-se por, apenas, por 20 minutos em cada sessão, aproximadamente. Como sabia que não iria usufruir de muito tempo disponível, resolvi planificar uma apresentação em *PowerPoint* (anexo 16) com alguma informação e com um jogo que permitisse gerir o tempo da melhor forma para conseguir realizar toda a sessão (anexo17). Fui a primeira a atuar e comecei por relembrar o dia do Patrono do Agrupamento das Escolas José Estevão (AEJE), através da apresentação em *PowerPoint*, que se comemorou no dia anterior, dia 25 de maio. Para solidificar o conhecimento sobre a figura aveirense José Estevão, achei pertinente relembrar que ele é o patrono do Agrupamento de Escolas e também voltar a referir um pouco a sua biografia e do seu percurso político. Para isso, fiz alusão a uma sessão anterior de projeto da minha colega de diáde (em que ela realizou um “Bilhete de Identidade” de José Estevão) e apenas o voltei a apresentar e relembramos a informação nele contida.



Após este exercício, decidi mostrar a praça onde se situa a estátua do José Estevão (Praça da República), a escola sede do Agrupamento de Escolas AEJE e referir a importância das placas que estão junto das estátuas e monumentos, que servem para nos informar o porquê daquela estátua e/ou monumento e quem identifica ou relembra. Como forma de solidificar os conteúdos abordados decidi organizar um jogo no próprio *PowerPoint*.

Para envolver os alunos no jogo, e acelerar a iniciativa, escolhi dois alunos para ler as perguntas às quais responderam alternadamente. As questões do jogo consistiam em relembrar toda a informação que fora aflorada anteriormente e assim consolidar os conteúdos. Voltei a referir que é importante não perdemos as nossas tradições, porque elas relembram pessoas, locais e acontecimentos importantes na nossa história individual, cultural, da cidade e do país. De seguida, a minha colega de diáde avançou com a sua atividade.



• **3.ª Sessão – 2 de junho de 2020**

Quadro 14 – Resumo da 3.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer datas, factos e locais significativos para a história pessoal ou das pessoas que lhe são próximas, localizando-os em mapas ou plantas e numa linha de tempo. ○ Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive através da recolha de informação em várias fontes documentais. ○ Comunicar 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Questionar as crianças: porque acham que o Dia da Criança existe? Apresentação de uma <i>PowerPoint</i> sobre os direitos da criança e posterior construção de um Quadro contendo os direitos e deveres dos alunos da turma do 2.º C. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Incrementar conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial do seu país, através das Tradições, desenvolvendo o sentido de pertença, de identidade e de responsabilidade.

conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos.		
--	--	--

Descrição da sessão

A terceira sessão teve duração de aproximadamente 30 minutos. Questionei os alunos sobre o porquê de se comemorar o Dia da Criança. Uma aluna destacou-se respondendo da seguinte forma:

Aluna L– “Professora Margarida eu acho que sei. Eu acho que é para darmos valor aos direitos das crianças.”

Eu respondi que a afirmação da aluna estava correta, era exatamente isso, que o Dia da Criança servia para relembrar a criança e os seus direitos. Após esta pequena interação, partilhei a minha apresentação em *PowerPoint* que referia os dez direitos da criança (anexo 18).

Após a leitura de cada direito, voltei a questionar se achavam que todas as crianças beneficiavam destes direitos. Obtive algumas respostas afirmativas e outras negativas. Sendo assim, referi que nem todas as crianças têm acesso a estes direitos, que existem países em que os direitos ainda não são praticados, ou respeitados, e que é por isso que este dia é tão importante – ele que serve para relembrar que todas as crianças devem usufruir desses direitos e que estes devem ser cumpridos por parte dos adultos.

Para valorizar os direitos da criança, propus uma tarefa que consistia em criar, juntamente com os alunos, um quadro com os direitos e deveres da turma do 2.º C. Introduzi a dimensão dos deveres referindo que temos os direitos, mas também é necessário existir deveres para que haja uma sociedade mais justa. Para auxiliar os alunos, apresentei alguns exemplos de deveres e os alunos, entusiasmados, começaram logo a participar. Descreve-se, exatamente, os direitos e os deveres proferidos pelos alunos:

Aluna Mf – “Respeitar os outros” (Dever).
 Aluna La – “As crianças têm direito a ter educação” (Direito).
 Aluna Lo – “Direito a ter amor” (Direito).
 Aluno Rf – “As crianças têm o direito de brincar” (Direito).
 Aluno V – “Direito de ser livre” (Direito).
 Aluno Rf – “Os adultos e as crianças têm direito a ter amigos” (Direito).
 Aluna F – “Direito a educação” (Direito).
 Aluno MC – “O direito a ficarmos em paz” (Direito).
 Aluna Je – “Obedecer ao adulto” (Dever).
 Aluna Mf – “Temos o direito de ter comida” (Direito).
 Aluno Dv – “Respeitar as regras” (Dever).
 Aluno DB – “Temos o direito de sermos tratados quando estamos doentes” (Direito).
 Aluna F – “Direito de ter uma família” (Direito).
 Aluna G – “Ter direito a uma casa” (Direito).
 Aluno MM – “Temos o direito de estudar” (Direito).
 Aluno P – “Temos o direito de ler” (Direito).
 Aluno MC – “Temos o direito de sermos crianças” (Direito).
 Aluna Lo – “Dar alguns brinquedos” (Dever).
 Aluno Dv – “Ser bom amigo” (Dever).
 Aluno Rf – “Ajudar os idosos a atravessar a estrada” (Dever).
 Aluno DB – “Cuidar do ambiente” (Dever).
 Aluno Rg – “Temos o dever de estudar” (Dever).
 Aluna G – “Dever de ajudar os adultos quando eles precisam de trabalhar cá em casa” (Dever).
 Aluna Jo – “Devemos viver” (Dever).
 Aluno Rf – “Ser bondoso e ajudar os adultos” (Dever).
 Aluno DB – “Cuidar dos idosos e dos animais de estimação” (Dever).
 Aluno Dv – “Ser paciente” (Dever).
 Aluna Mf – “ Não matar muitos animais” (Dever).
 Aluno MC – “Nós não devemos poluir o planeta” (Dever).
 Aluno S – “Devemos ser simpáticos” (Dever).
 Aluno T – “Nós temos direito a ter dinheiro” (Direito).
 Aluno T – “Nós temos direito a ter tratamento médico” (Direito).
 Aluno Dv – “Temos o direito a dar a nossa opinião” (Direito).
 Aluna Jo – “Devemos ser felizes e não tristes” (Dever).
 Aluna La – “Temos o dever de sermos bons filhos” (Dever).
 Aluno Rf – “Ter cuidados de higiene” (Dever).
 Aluna MH – “Direito a ter amor” (Direito).

Entende-se como importante expor todo este *feedback* exemplificativo de como os alunos podem construir os direitos e deveres da sua própria turma, sendo que ficámos agradadas com o facto de termos mais deveres do que direitos. Tanto eu como a professora cooperante elogiámos esse facto demonstrativo de que os alunos têm a noção que não têm apenas direitos, mas que os deveres também são importantes para a escola e para podermos viver em sociedade.

Foi uma sessão muito agradável, pois registou-se o interesse e a participação dos alunos; senti que os alunos também gostaram. Questionei se tinham gostado desta

atividade e obteve respostas positivas, houve um aluno que referiu que tinha ‘gostado muito’. Este *feedback* positivo fez com que me sentisse mais segura e realizada na tarefa que tinha acabado de promover.

Os Direitos e Deveres das Crianças da turma 2ºC

Direitos	Deveres
<ul style="list-style-type: none"> • 1º Direito a ter Educação. • 2º Direito a ter Amor. • 3º Direito a Brincar. • 4º Direito a ser livre. • 5º Direito a ter amigos. • 6º Direito a ter paz. • 7º Direito a ter comida. • 8º Direito a sermos tratados quando estamos doentes. • 9º Direito a ter uma família. • 10º Direito a ter uma casa. • 11º Direito a estudar. • 12º Direito a ler/informação. • 13º Direito a ser crianças. • 14º Direito a ter dinheiro para ter uma vida confortável. • 15º Direito a dar opinião. • 16º Direito a sermos respeitados. 	<ul style="list-style-type: none"> • 1º Devemos respeitar os outros. • 2º Devemos obedecer/ajudar ao adulto. • 3º Devemos respeitar as regras. • 4º Devemos partilhar os brinquedos. • 5º Devemos ser bons amigos. • 6º Devemos ajudar/cuidar dos idosos. • 7º Devemos cuidar do ambiente/ e não poluir o planeta. • 8º Devemos estudar. • 9º Devemos aproveitar a vida e de viver. • 10º Devemos ser bondosos. • 11º Devemos cuidar e respeitar os animais sem esquecer os que estão em vias de extinção. • 12º Devemos ser pacientes. • 13º Devemos ser simpáticos. • 14º Devemos ser felizes. • 15º Devemos ser bons filhos. • 16º Devemos cuidar de nós e da nossa higiene. • 17º Devemos ser bem educados.

Direitos e Deveres elaborados pelos alunos.

• **4.ª Sessão – 12 de junho de 2020**

Quadro 15 – Resumo da 4.ª Sessão

Área	Atividade	Objetivos
<p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer datas, factos e locais significativos para a história pessoal ou das pessoas que lhe são próximas, localizando-os em mapas ou plantas e numa linha de tempo. ○ Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive 	<p>○ Apresentação em <i>PowerPoint</i> de um vídeo sobre o Património Cultural, Material e Imaterial, e posterior reforço da definição de Património Cultural Material e Património Cultural Imaterial. Por fim, com a ajuda dos alunos, escrever alguns exemplos de</p>	<p>○ Incrementar conhecimento sobre o Património Cultural Imaterial do seu país, através das Tradições, desenvolvendo o sentido de pertença, de identidade e de responsabilidade.</p>

através da recolha de informação em várias fontes documentais.	Património Cultural Imaterial.	
○ Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos.		

Descrição da sessão

A minha última sessão teve como objetivo esclarecer e fortalecer o Património Cultural Imaterial. Esta sessão foi dividida com a minha colega de diáde visando a conclusão da nossa intervenção e distribuição do questionário final. Sendo assim, como o tempo era reduzido, e utilizei nesta sessão entre 15 a 20 minutos.

Para realizar esta sessão preparei uma apresentação em *PowerPoint* que consistia num vídeo a explicar o Património Cultural, o Património Cultural Material e Imaterial (anexo 19). De seguida, apresentei uma breve descrição sobre o Património Cultural e a sua importância – para



reforçar, também, o conceito – seguindo-se algumas referências/imagens para mostrar/definir o património material e o património imaterial.

Para finalizar, solicitei, mais uma vez, a participação dos alunos aguardando por exemplos de património imaterial de que se lembrassem. Comecei por questionar se conheciam alguma tradição para colocar no quadro de património imaterial e obtive, imediatamente, respostas afirmativas. Em seguida, transcrevo todas as respostas que obtive dos alunos de forma a comparar com o quadro final:

Aluno X – “São Gonçálinho”.

Professora Margarida – “E o São Gonçálinho é uma festa. Certo?”.

Aluno DM – “É a festa das cavacas. Atiram as cavacas pelos telhados abaixo”.

Professora Júlia – “Mas já disseram outra tradição”.

Professora Margarida – “Qual foi?”.

Aluna MH – “Santa Joana”.

Professora Margarida – “Mais alguma?”.

Aluna Mf – “Os Santos Populares”.

Aluno DM – “Professora, a Feira do Marçõ”.

Professora Margarida – “Estava à espera de que alguém se lembrasse dessa. Boa DM!”.

Aluno X – “Páscoa”.

Aluna Lo – “Natal”.

Aluno DM – “O Carnaval”.

Aluna La – “Halloween”.

Aluno Dv – “Os feriados como o Corpo de Deus”.

Aluna Lo – “Magusto”.

Aluna MH – “Os caretos de Bragança; a minha Avó é de Bragança”.

Aluno DM – “Professora, Marchas de Lisboa”.

Aluno Rg – “Dia de Portugal”.

Aluno G – “São João”.

Aluna La – “Na Gafanha da Encarnação”.

Aluno DB – “Casamentos de Santo António”.

Aluna La – “Já me lembro do nome professora. A Procissão da Gafanha da Encarnação”.

Aluno X – “Dia 25 de Abril”.

Professora Júlia – “A La deve estar a falar da Procissão do Senhor dos Navegantes”.

Aluna La – “É isso professora. Eu já participei”.

Aluna Lo – “O Dia da Criança”.

Aluno P – “O 5 de Outubro”.

Aluna MH – “Professora, o Zé Povinho representa o povo de Portugal”.

Aluna MH – “Os tapetes de Arraiolos”

Aluno Dv – “A guitarra Portuguesa”.

Professora Margarida – “Sim, mas aí estamos a confundir com o património material. No património imaterial podemos referir, por exemplo, o Fado”.

Aluno DB – “Festa de São Bernardo”.

Aluno DM – “Cante Alentejano”.

Aluna J – “A passagem de ano”.

Aluna MH – “O Galo de Barcelos”.

Aluno P – “Os Ovos Moles”.

Aluno V – “A arte Xávega”.

Professora Margarida – “E as danças tradicionais?”.

Aluno Lo – “Os Pauliteiros”.

Aluno Dv – “O Rancho”.

Aluno V – “Professora, o Bailinho da Madeira”.

Aluna MH – “Há umas jóias em Viana do Castelo...eu não sei o nome!”.

Professora Margarida – “Mas as jóias fazem parte do património material. Mas podemos colocar aqui a arte ou o saber fazer essas jóias”.

Para meu espanto, conseguimos obter, rapidamente, um slide quase cheio de bons exemplos.

Pode-se concluir, assim, que consegui desenvolver um bom trabalho e que este foi produtivo.

No final da minha sessão agradeço aos alunos por me ajudarem a concretizar os meus objetivos em relação à questão do Património Cultural Imaterial e sublinhei que



Património Cultural Imaterial referido pelos alunos.

gostei muito da colaboração prestada por todos neste trabalho. Partilhámos sempre as nossas apresentações *PowerPoint* com os alunos através da plataforma *Microsoft Teams*.

Simultaneamente, admite-se que esta última sessão trouxe um gosto agridoce, pois foi um finalizar de uma etapa, mas ao mesmo tempo um adeus a esta turma magnífica e professora titular fantástica. Terminei a minha sessão com um até já movida pelo intuito de, no futuro, voltar a ter o prazer de me encontrar com eles, talvez presencialmente e sem ter que recorrer a um computador.

CAPÍTULO III – Apresentação da Metodologia e Análise e Tratamento de dados

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise de dados feita nos dois contextos em que este Projeto foi desenvolvido, Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, e os resultados obtidos.

1. Apresentação da metodologia do Projeto

A problemática deste estudo surgiu através das observações e de algumas sessões já realizadas no decorrer da Prática Pedagógica no pré-escolar. Foi nessa primeira fase que decidi qual a temática do meu estudo e que iria tentar aplicá-la não apenas no 2.º semestre, em ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mas também no do 1.º semestre, no Educação do Pré-Escolar.

Ao contactar com as crianças e todo o meio envolvente deparei-me com o seguinte: o património cultural imaterial e, por exemplo, as tradições são temas/ferramentas a desenvolver e a descobrir/explorar nestas idades, pois têm como fundamento principal o desenvolvimento do crescimento pessoal e do sentido de identidade de cada criança e do grupo em relação ao meio e à sociedade.

Este Projeto também visou enquadrar no desenvolvimento da criança a importância do nosso Património, do nosso passado, da nossa História local e nacional, da nossa identidade enquanto povo procurando sensibilizar para a preservação do património, tanto material como imaterial, de estimular a divulgação e a responsabilidade que todos temos, e teremos, de confiar aquilo que nos une às gerações futuras.

O método de investigação usado é o método de investigação qualitativa que, segundo Amado, (2014, p. 41) assenta:

Numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto 'natural' (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve e procurando atingir a sua 'compreensão' através de processos inferenciais e indutivos (construindo hipóteses durante e depois da análise dos dados). Pode dizer-se que este é o aspeto central e nuclear da investigação qualitativa, que aqui encontra a sua unidade, para além da diversidade de objetos e de objetivos (investigação das experiências de vida, dinâmicas

subjetivas da sociedade e da cultura, linguagem e comunicação), estratégias e de métodos usados.

Como forma de obtenção de dados foram usadas técnicas e instrumentos de recolha tendo estes por base a observação direta e ativa, reflexões e notas de campo, registos fotográficos e de áudio, trabalhos elaborados pelas crianças/alunos e inquéritos por questionário escrito e oral. Sendo, então, a observação uma das mais importantes fontes de dados, esta é definida por Dias (2009, p. 176) como “um processo fundamental que não tem um fim em si mesmo, mas que é subordinado ao serviço dos sujeitos e dos seus processos complexos de atribuir inteligibilidade ao real, fornecendo os dados empíricos necessários a posteriores análises críticas.” Realmente, é através da observação que é possível ser reflexivo, criar uma relação de confiança entre crianças/alunos e educador/professor, facilitando a obtenção de dados para a realização de uma investigação.

Por outro lado, a metodologia adotada assume características de investigação-ação na medida em que o investigador está envolvido ativamente na investigação (Bogdan & Bilken, 1991). Ao mesmo tempo, a ação obrigou a escolher estratégias e metodologias ajustadas aos eventos seleccionados e respetivas atividades a desenvolver com reflexão contínua e a intenção de provocar impacto no quadro concetual das crianças/alunos (Máximo-Esteves, 2008).

Os questionários aqui apresentados e analisados foram feitos durante a Prática Pedagógica, sendo que foram desenvolvidos dois inquéritos no Pré-Escolar e outros dois no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os inquéritos realizados no Pré-escolar foram inquéritos orais e mais simples tendo sempre em conta que eram destinados a crianças que não estão em fase de aprendizagem de leitura formal. Assim, optou-se por uma única questão direta: “Sabem o que são as Tradições?”. Estes inquéritos foram aplicados um no princípio, na primeira sessão, e o outro no fim da intervenção, após a última sessão do projeto.

No pré-escolar escolheu-se a palavra-chave “Tradições”, pois o termo Património Imaterial poderia ser demasiado complexo e ‘pesado’ para esta faixa etária. Utilizou-se, assim, a palavra “Tradições” para aportar, e desenvolver, o Património Imaterial.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico foram aplicados dois questionários, sendo que o primeiro continha quatro questões, duas de ‘resposta fechada’ (Sim ou Não), e foi aplicado no

início da primeira sessão do projeto (anexo 20). O outro continha seis questões, três de resposta fechada, foi distribuído somente após a última sessão do projeto (anexo21). Estes dois inquéritos foram realizados durante a vigência do ensino à distância sendo desenvolvidos via plataforma *Microsoft Teams* – plataforma adotada no Agrupamento de Escolas durante o ensino à distância –, através da aplicação *Microsoft Forms*, considerada como a ideal para este efeito. Esta aplicação permitiu que todos os alunos tivessem acesso ao inquérito e o mesmo fosse preenchido de forma autónoma, estando disponível durante um período de tempo determinado e divulgado junto dos alunos.

Estes inquéritos tiveram como objetivo apurar o ‘conhecimento’ sobre o tema antes de este ser aplicado e após o mesmo ser desenvolvido, sendo um elemento de apoio para a elaboração do projeto e um contributo essencial para a avaliação e conclusão da investigação empírica.

2. Apresentação e análise dos dados recolhidos

2.1. Pré-Escolar – 1.º questionário oral, Sessão n.º 1.

Questão: Sabem o que são as Tradições?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/Não está presente	Ausência de Resposta	2	-----
Respondeu negativamente	Responde que não sabe	16	-----
Respondeu afirmativamente	Desenvolve resposta correta ou parcialmente correta	2	<ul style="list-style-type: none">• “Acho que são pessoas que fazem coisas, tipo as festas, o bailinho da madeira. Acho que também as tradições são as pessoas que cozinham comida portuguesa”.• “Eu acho que as tradições são as pessoas que fazem festas na rua, por exemplo: a feira do cão, quando se fazem vendas”.
	Desenvolve resposta incorreta	1	<ul style="list-style-type: none">• “Eu acho que as tradições são as pessoas que escrevem no computador e imprimem folhas”.

Análise quantitativa

Verifica-se que das 21 crianças inquiridas, somente três responderam afirmativamente, dezasseis responderam de forma negativa e dois não responderam ou não estavam presentes. Das três respostas afirmativas apenas duas responderam com uma resposta correta sobre o que são as tradições e a outra criança respondeu de forma incorreta. Isto é, apenas 10% das crianças desenvolve uma resposta correta ou

parcialmente correta, sendo que 76% responde que não sabe, 10% não responde e 4% apresenta uma resposta, mas incorreta.

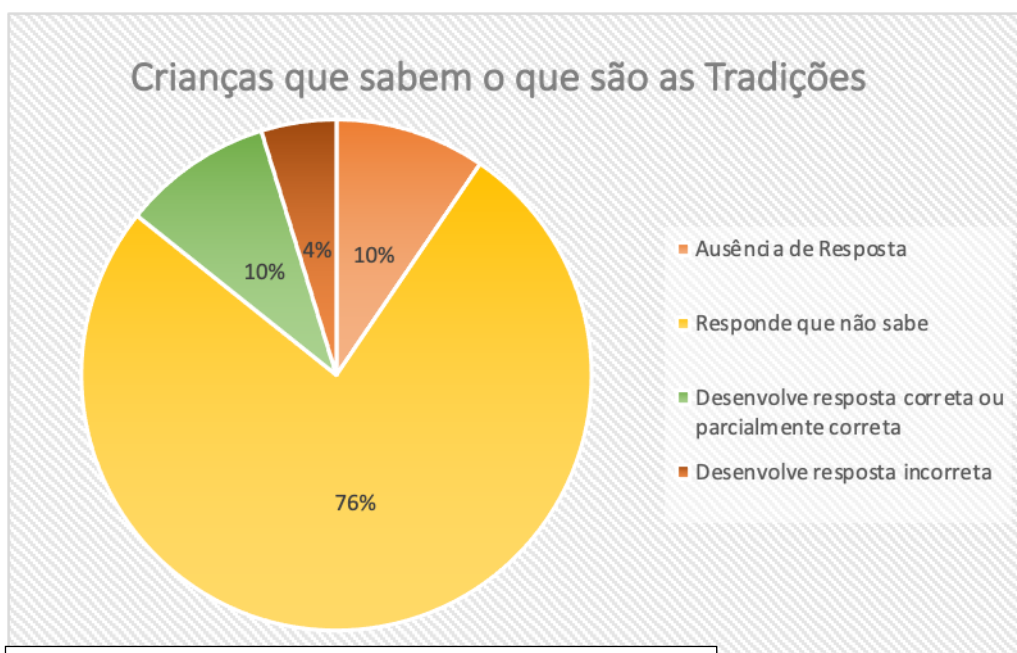


Gráfico 1 – Categoria dos tipos de resposta

Análise qualitativa

Analisando as respostas dadas à questão, é de notar que o conceito de tradição não está propriamente bem definido, sendo um pouco difícil para as crianças entendê-lo e desenvolver/decifrar o seu significado. No entanto, há duas respostas corretas, mas um pouco vagas e sem certeza, por parte das crianças, do que foi enunciado sobre o conceito de tradição. As respostas corretas descrevem, de algum modo, o que são as tradições em duas vertentes, uma tradição que remete para a cozinha portuguesa, sendo este um elemento identitário do nosso país, e a outra que refere as festas e as feiras.

2.2. 2.º questionário oral, após sessão n.º 3.

Questão: E agora já sabem o que são as Tradições?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/Não está presente	Ausência de Resposta	7	-----
Respondeu negativamente	Apenas responde que não sabe	3	-----
Respondeu afirmativamente	Desenvolve resposta correta ou parcialmente correta	11	<ul style="list-style-type: none"> • “As tradições são o Natal, a Páscoa”. • “A Feira do Março”. • “O ‘Pão por Deus’ e o <i>Halloween</i>”. • “O Natal e as comidas que se comem no Natal”. • “O Carnaval”. • “O Natal”. • “Ah tenho outra, o São Gonçalinho”. • “O magusto e o Natal”.
	Desenvolve resposta incorreta	0	

Análise quantitativa

Constata-se que das 21 crianças, apenas 14 responderam à questão, sendo que três responderam negativamente e 11 responderam afirmativamente e de forma correta ou parcialmente correta. Isto revela que 53% das crianças desenvolveu uma resposta correta.

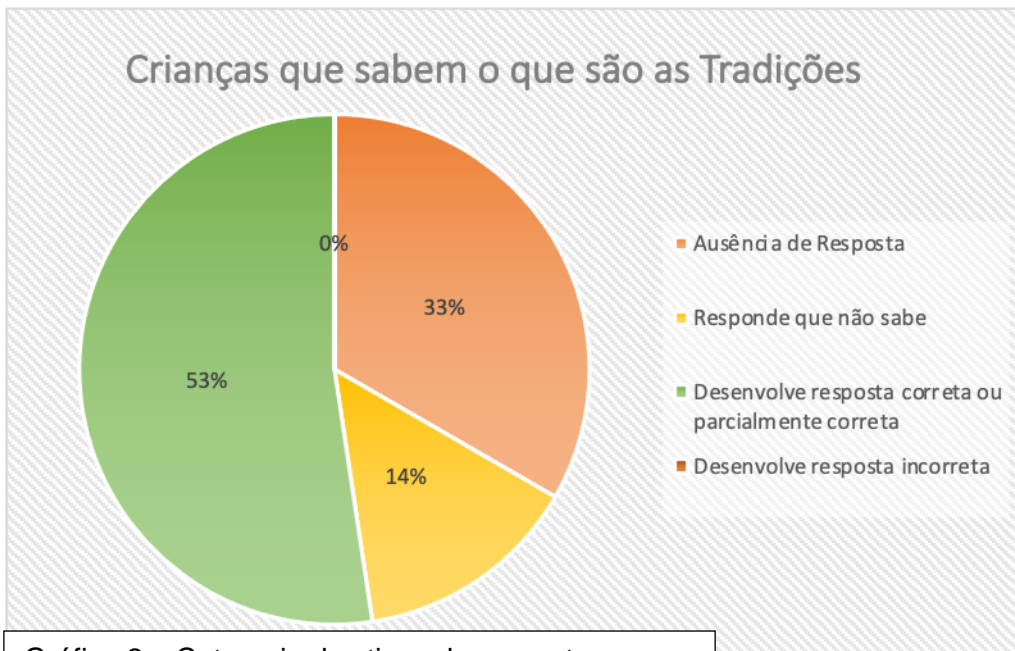


Gráfico 2 – Categoria dos tipos de resposta

Análise qualitativa

Analisando os dados qualitativos, as crianças apresentam já uma compreensão sobre o que são as tradições, dando exemplos corretos sobre o que estas representam e como se praticam na nossa comunidade e sociedade. Salienta-se que as crianças referem tradições que foram trabalhadas/desenvolvidas ao longo da Prática Pedagógica e que estabeleceram uma associação entre essas atividades e o conceito associado ao património imaterial que, recorde-se, foi aqui trabalhado apenas recorrendo à palavra “Tradições”.

2.3. 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º inquérito, feito antes da 1.ª Sessão.

1.ª Questão: Já ouviste falar em Património Imaterial?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu	Ausência de Resposta	0	-----
Respondeu negativamente	Não	17	-----
Respondeu afirmativamente	Sim	7	-----

Análise quantitativa

Verifica-se que dos 24 alunos, todos responderam, sendo que 17, isto é, 71%, responderam que não sabiam qual era o conceito de Património Imaterial e que apenas sete, ou seja 29%, afirmaram saber o que é, ou o que representa, o Património Imaterial.

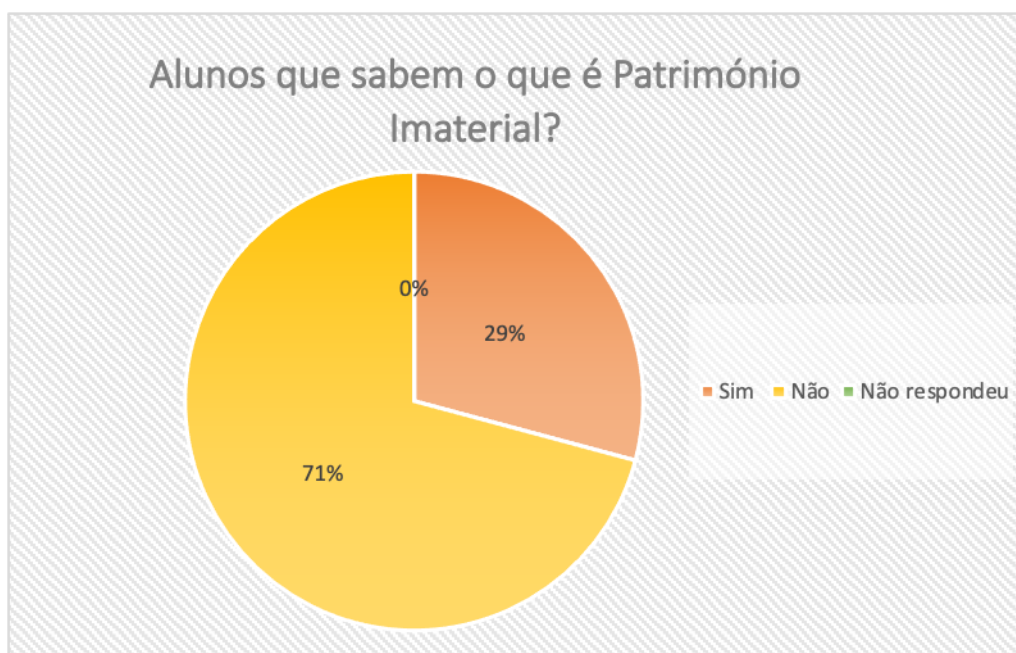


Gráfico 3 – Categoria dos tipos de resposta fechadas da 3.ª questão, 1.º Inquérito

2.ª Questão: Consegues apresentar um exemplo de Património Imaterial que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/ Responde negativamente	Ausência de Resposta/ Resposta negativa	15	-----
Responde afirmativamente	Desenvolve resposta correta, parcialmente correta ou errada.	9	<ul style="list-style-type: none"> • Caretos de Podence; • Fado é o tipo de música de Portugal mais conhecido do mundo; • Festa de São Gonçálinho; • Fado; • Lendas, fado, futebol, festas; • Ovos moles; • Moliceiro; • Moliceiros de Aveiro; • Mata do Bussaco.

Análise qualitativa

Analisando as respostas recolhidas, deparamo-nos com o facto de haver 15 alunos que não responderam ou que deram uma resposta negativa pelo facto de não saberem o significado do conceito de Património Imaterial. No entanto, as respostas afirmativas à questão proposta mostram que alguns alunos conhecem o significado de Património, mas nem todos sabem a distinção entre Património Material e Imaterial, como é possível constatar em respostas como, por exemplo, “Ovos-Moles”; Moliceiros e Mata do Bussaco. Estes exemplos de Património fazem parte do Património Material e do Património Natural.

É de notar também que comprando com a questão n.º 1, a questão n.º 2 teve mais duas respostas afirmativas, ou seja, dois alunos responderam a esta segunda questão quando tinham negado saber o que era o Património Imaterial na primeira questão.

3.ª Questão: Já ouviste falar em tradições?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não responde	Ausência de Resposta	0	-----
Responde negativamente	Não	1	-----
Responde afirmativamente	Sim	23	-----

Análise quantitativa

Analisando este quadro pode-se constata-se que dos 24 alunos apenas um responde desconhecer o significado do conceito de Tradições, sendo que os outros 23 respondem afirmativamente, isto é, 96% por cento. Apenas 4% responderam negativamente.

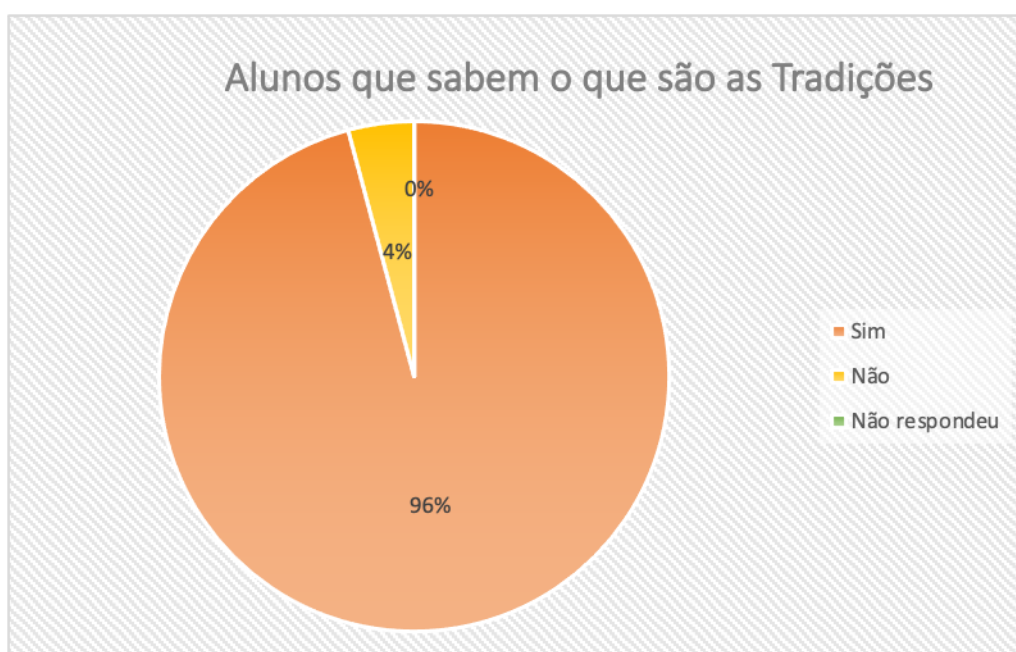


Gráfico 4 – Categoria dos tipos de resposta fechadas da 3.ª questão, 1.º Inquérito

4.ª Questão: Consegues apresentar um exemplo de tradições que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/ Responde negativamente	Ausência de Resposta/ Resposta negativa	0	-----
Responde afirmativamente	Desenvolve resposta correta, parcialmente correta ou errada.	24	<ul style="list-style-type: none"> • Jantar com a família na noite de consoada. • São Gonçalinho. • Cardadores. • Festas de São Gonçalinho de Aveiro. • Sim, a Santa Joana. • São Gonçalinho. • Festa da Santa Joana. • São Gonçalinho de Aveiro. • Festa da Santa Joana. • Festa de São Gonçalinho de Aveiro. • Atirar cavacas da Capela de São Gonçalinho. • Dia de Santa Joana. • Festa de Santa Joana. • Dia da Criança. • Sim, Natal, Páscoa, Carnaval. • Carnaval. • São Gonçalinho (referido por três alunos) • Magusto. • Comer Ovos-Moles. • Procissão de Santa Joana, o madeiro de Natal, desfiles de Carnaval. • São Gonçalinho – cavacas. • Barcos Rabelo. • Festa das Cavacas.

Análise qualitativa

Observa-se nesta questão que todos responderam afirmativamente ao desafio proposto: apresentar um exemplo de tradição. As respostas revelam que o conceito de tradição já está presente e que desenvolvido corretamente. Sendo o objetivo deste Projeto abordar e trabalhar o Património Imaterial, e na medida em que o conceito de tradição faz parte desse Património, antevê-se que trabalhar o Património através da tradição terá sido uma opção correta para o desenvolvimento do Projeto

2.4. 2.º Inquérito, feito no fim da última sessão.

1.ª Questão: Já ouviste falar em Património Imaterial?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não responde	Ausência de Resposta	0	-----
Responde negativamente	Não	5	-----
Responde afirmativamente	Sim	19	-----

Análise quantitativa

O quadro mostra que, num total dos 24 alunos, cinco alunos responderam a esta última questão de forma negativa e 19 de forma afirmativa. Podemos então afirmar que 79% dos alunos responderam que sim e 21% afirmaram desconhecer o que é Património Imaterial.

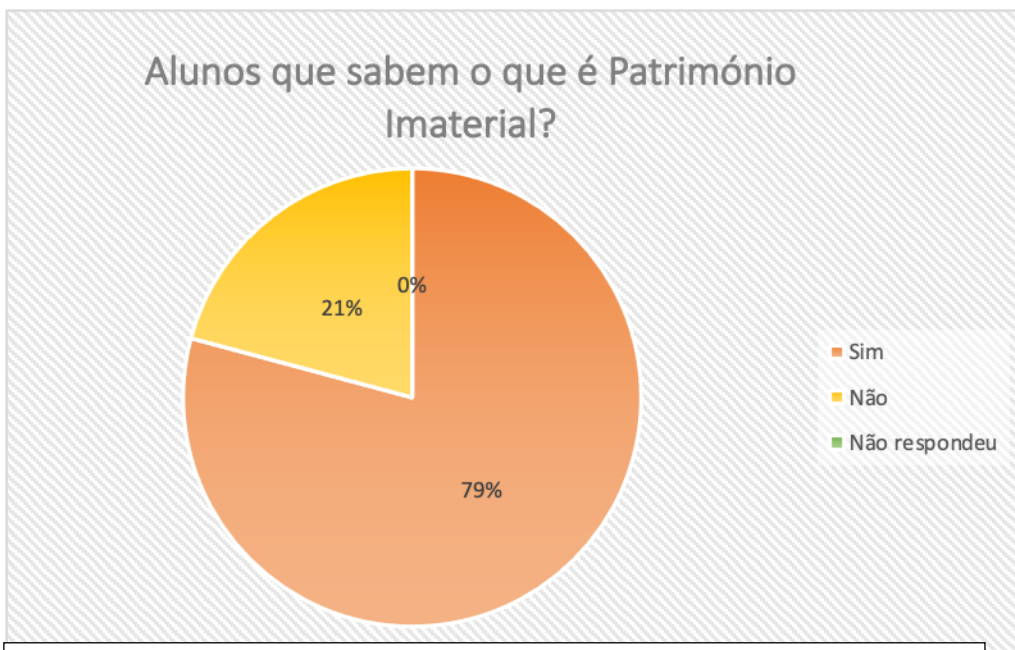


Gráfico 5 – Categoria dos tipos de resposta fechadas da 1.ª questão, 2.º Inquérito

2.ª Questão: **Consegues apresentar um exemplo de Património Imaterial que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?**

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/ Responde negativamente	Ausência de Resposta/ Resposta negativa	5	-----
Responde afirmativamente	Desenvolve resposta correta, parcialmente correta ou errada.	19	<ul style="list-style-type: none"> • Um exemplo de património Imaterial que conheço é: Caretos de Bragança. • São Gonçálinho. • Santo António. • Fado. • Caretos de Podence. • A festa de São Gonçálinho, os Santos Populares. • Canções de Aveiro. • Festa de S. Gonçálinho. • O património imaterial mais famoso que conheço é o fado. • O Fado. • Festa dos Tabuleiros em Tomar e a Festa das Flores em Rio Maior. • O Natal. • Santa Joana. • São Gonçálinho. • As Festas de São Gonçálinho. • A festa de São Gonçálinho. • Santa Joana, Fado. • Profissões pessoas ilustres. • Ovos-moles.

Análise qualitativa

Após analisar a primeira e segunda questão, que se complementam, distingue-se que mais de metade dos alunos sabem o que é o Património Imaterial e sabem apresentar exemplos, o que significa que sabem e entendem o conceito. É de referir que, mesmo

assim, ainda existem dois alunos que confundiram ainda o Património Imaterial com o Património Material.

3.ª Questão: Já ouviste falar em tradições?

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não responde	Ausência de Resposta	0	-----
Responde negativamente	Não	1	-----
Responde afirmativamente	Sim	23	-----

Análise quantitativa

Na terceira questão observa-se que a maioria dos alunos sabe o que é e já ouviu falar sobre as tradições. Ou seja, 96% responderam afirmativamente e 4% negativamente.

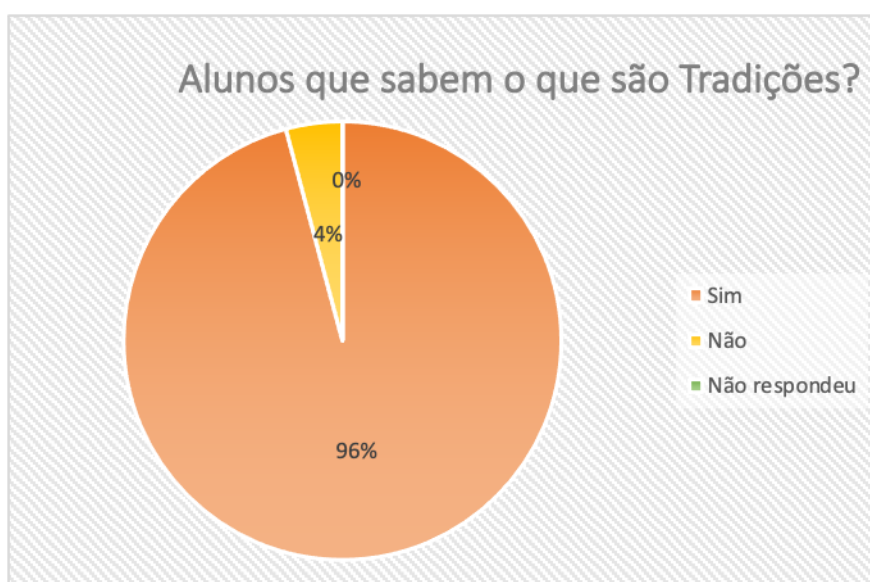


Gráfico 6 – Categoria dos tipos de resposta fechadas da 3.ª questão, 2.º Inquérito

4.ª Questão: **Consegues apresentar um exemplo de tradições que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?**

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/ Responde negativamente	Ausência de Resposta/ Resposta negativa	1	-----
Responde afirmativamente	Desenvolve resposta correta, parcialmente correta ou errada	23	<ul style="list-style-type: none"> • Um exemplo de tradições é: São Gonçálinho. • São Gonçálinho. • Gastronomia. • Procissão da Nossa Senhora da Encarnação. • Carnaval. • Atirar cavacas de cima da igreja de São Gonçálinho, manjerico de São João. • O barco Moliceiro, os ovos-moles. • Festa de São Bernardo. • São Martinho. • Sim, rancho folclórico. • Festejar os Santos Populares. • Atirar as cavacas do cimo da igreja de São Gonçálinho, as noivas de Santo António e os martelinhos de São João. • São Gonçálinho. • Carnaval, Natal. • Festa de São Gonçálinho. • Senhora do Fastio, 25 de Abril, Santa Joana, o dia do Patrono e o Carnaval. • Comer filhoses no Natal. • Atirar cavacas. • Peru na ceia de Natal. • Atirar cavacas na Festa de São Gonçálinho. • Carnaval e Natal. • Festejar os Santos Populares. • Feira do Março.

Análise qualitativa

As respostas a esta questão são variadas e todas consideradas como corretas, o que permite afirmar que o conceito de Tradições está bem definido e que ficou evidente o que são e de que forma como se manifestam. Verifica-se, ainda, que existem muitas respostas repetidas dominando tradições que pertencem à região de Aveiro, região na qual os alunos habitam. Também são referidas algumas Tradições que implicam festejo/celebração a nível nacional.

5.ª Questão: **Depois das atividades realizadas consegues agora escrever o que é o Património Imaterial?**

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não responde	Ausência de Resposta	0	-----
Responde negativamente	Não	4	-----
Responde afirmativamente	Sim	20	-----

Análise quantitativa

Nesta questão observa-se que apenas quatro alunos responderam negativamente e que 20 alunos responderam à tentativa de definição de Património Imaterial. Ou seja, 83% dos alunos conhecem a definição e desenvolvem o conceito de Património Imaterial.



6.ª Questão: **Se sim, escreve.**

Categoria	Tipo de Resposta	Ocorrências	Respostas
Não respondeu/ Responde negativamente	Ausência de Resposta/ Resposta negativa	4	-----
Responde afirmativamente	Desenvolve resposta correta, parcialmente correta ou errada	20	<ul style="list-style-type: none"> • O Património Imaterial é uma tradição reconhecida pela UNESCO. • São coisas imateriais e materiais como danças, tradições ou festas. • O património imaterial preserva lendas, festas, danças... • O património imaterial são formas de cultura que representam tradições de cada país. • Património imaterial são tradições ligadas à cultura. • Património Imaterial são: as festas, as danças e cantos populares, formas de expressão específicas de algumas regiões, lendas, costumes e outras tradições. • É uma coisa que não se consegue tocar. • Moutainha, música. • São tradições e culturas. • São coisas que não se veem como por exemplo cantar o fado, participar numa procissão... • Património Imaterial é, por exemplo festas e tradições. • São valores e tradições que passam de geração em geração. • Património é por exemplo tradição e imaterial e uma coisa que se usa no dia-a-dia. • Tradições, lendas as festas. • S. João. • São as nossas tradições. • São tradições de cada país como festas, danças, músicas e bailes. • Património Imaterial é algo muito valioso, mas que não é um objeto, não dá para pegar ou mexer. • São as coisas que passam entre pessoas e entre família.

Análise qualitativa

Nesta questão observamos que o conceito de Património Imaterial está bem presente. No entanto, em certas respostas ainda existe alguma confusão por parte dos alunos como, por exemplo: “Património é por exemplo tradição e imaterial e uma coisa que se usa no dia-a-dia”. Também se verificam respostas que estão bastante completas e mostram que os alunos têm conhecimento do que é o Património Imaterial como, por exemplo: “São valores e tradições que passam de geração em geração”; “Património Imaterial é algo muito valioso, mas que não é um objeto, não dá para pegar ou mexer”; “São as coisas que passam entre pessoas e entre famílias”; “São tradições de cada país como festas, danças, músicas e bailes”; “Património Imaterial são: as festas, as danças e cantos populares, formas de expressão específicas de algumas regiões, lendas, costumes e outras tradições”.

As quatro respostas negativas são de alunos que nem sempre conseguiram assistir as sessões, alunos esses que, infelizmente, não conseguiram ter acesso a um computador ou à *Internet*.

3. Síntese dos resultados

Após a análise de todos os dados recolhidos, torna-se necessário concluir. De uma forma geral, as crianças e alunos ficaram com um conhecimento mais aprofundado sobre o conceito de Património, de Património Imaterial e de Tradições.

O objetivo deste projeto para o Pré-Escolar centrou-se em trabalhar as tradições do nosso país, e da nossa região, chamando/direcionando a atenção das crianças para o seu meio envolvente, o seu país, a sua cultura e identidade, assim como para a História Local. Parti das Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (2016, p. 89) que abordam esta temática na Área do Conhecimento do Mundo; salientando:

“Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo (por exemplo, família, jardim de infância, amigos, vizinhança). Conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades.

Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais.

Conhecer e respeitar a diversidade cultural”.

Considera-se que estes conteúdos ficaram mais presentes na vida destas crianças, e isso vê-se no último questionário feito ao Pré-Escolar, em que a maioria mostrou saber o que eram as Tradições. Durante as sessões as crianças falaram sobre as Tradições tão comuns a todos, como as Tradições familiares, dando valor ao facto de ser necessário passar ensinamentos e ações às gerações futuras em relação à preservação das mesmas. No entanto, as sessões realizadas foram poucas, sendo que seriam necessárias mais sessões para consolidar melhor o tema. Apesar disso, nas sessões que foram realizadas foi possível desenvolver e clarificar, pelo menos, o conceito de Tradições.

Em relação ao 1.º ciclo, o momento em que decorreu a implantação do projeto foi um período um pouco mais complicado pelo facto de este ter sido desenvolvido durante o ensino à distância, devido à pandemia causada pelo COVID-19; logo as sessões disponíveis ficaram reduzidas a apenas 30 minutos ou menos. Contudo, acho que após a análise feita ao estudo empírico, verifica-se que o objetivo foi atingido e que os alunos apresentam noções reais de Património e, principalmente, do que é o Património Imaterial e a necessidade da sua preservação.

Destaca-se o empenho, por parte de todos os alunos, e a disponibilidade/vontade para colaborar neste estudo. Considera-se que o Projeto permitiu o desenvolvimento de conhecimentos e atitudes pretendidas nas Aprendizagens Essenciais. Não há casos a registar de alunos que não quisessem colaborar ou participar nas sessões propostas. Houve, sim, alguns alunos que, infelizmente, não tiveram a oportunidade de participar em todas as nossas sessões, principalmente por motivos que fogem à sua e à nossa competência. Pelo menos dois alunos não tiveram acesso a computador em casa e, embora mais tarde esses equipamentos tivessem sido disponibilizados pela escola, nem sempre conseguiam estar presentes. Um outro aluno não esteve presente em todas as sessões por estar em uma escola de acolhimento, pois os pais eram

enfermeiros e estavam a trabalhar, tendo este que ficar numa escola selecionada para receber esses alunos.

No global, os alunos mostraram capacidades e atitudes em todas as sessões e revelando vontade de saber mais. Desenvolveram as atividades propostas e adquiriram as aprendizagens em regime presencial e *on-line*; entenderam os conceitos fundamentais a propósito do Património Imaterial, como também a importância da valorização das nossas Tradições e identidade cultural.

Conclusões

Com o finalizar deste estudo/trabalho é essencial tecer aqui algumas conclusões finais. Tendo sido criada num seio familiar onde constantemente o património cultural, material e imaterial, teve sempre um valor importante ao longo do desenvolvimento da autora deste Relatório, tendo mesmo antepassados que se dedicaram a escrever sobre a História da nossa terra visando preservar memórias e presentear as gerações presentes, e futuras, com o registo de eventos, técnicas e tradições; optou-se, em boa hora, pela temática do Património e da Educação Patrimonial.

Por outro lado, beneficiou-se da forte presença do património nas várias dimensões da nossa vida. Decidiu-se que este projeto seria desenvolvido tanto no Pré-Escolar, como também no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Sendo duas vertentes de ensino diferentes, mas muito próximas, comprova-se neste Projeto que é possível trabalhar esta área temática em diversos ciclos de ensino.

As sessões apresentadas no Pré-Escolar foram idealizadas e trabalhadas com o objetivo de destacar as Tradições, tanto as locais como as nacionais. Nas sessões promovidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico foram desenvolvidas não só as Tradições e os Costumes como também a História Local e o conceito Património. Em ambos os contextos recorri ao que o calendário oferecia/proporcionava como forma de trabalhar as diferentes Tradições e Costumes. Considera-se que a exploração desta variedade patrimonial como um fator positivo neste Projeto. Inversamente, como fator menos positivo, destaca-se o tempo reduzido nas sessões no 1.º Ciclo do Ensino Básico (devido ao ensino à distância), pois este não permitiu um trabalho mais aprofundado. A falta de contacto e de proximidade física transformou a relação professora estagiária/alunos em algo novo e estranho. Contudo, também se admite que nenhum de nós estaria a contar com tamanha perturbação.

Este Projeto foi desenvolvido entrando em contacto com o meio em que as crianças e alunos estão integrados e envolvidos, sendo que através deste estudo as crianças e alunos conseguiram desenvolver uma aprendizagem específica em torno do nosso Património, Património Cultural e, principalmente, sobre o Património Cultural Imaterial incluindo as Tradições que foram utilizadas como 'veículo' de acesso ao Património, principalmente no Pré-Escolar. Acompanhar/encaminhar a criança/aluno para a existência e compreensão do conceito de Tradição e, sobretudo, de Património,

e qual a sua importância na nossa identidade, terá sido um dos grandes desafios que funcionou como combustível neste Projeto.

De acordo como referido no artigo 2.º da lei n.º107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política do regime de proteção e valorização do património cultural, integram-se no património cultural “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização”, mencionando-se, ainda, que esse interesse cultural relevante poderá ser “designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico”; e que esses bens deveram refletir “valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade”.

Assim, salienta-se a necessidade de enfatizar as tradições no pré-escolar, e no 1.º Ciclo, como forma de abordar o Património Imaterial reforçando, assim, a identidade, a memória e a cultura do nosso país; procurando conferir-lhe o merecido valor e a obrigação coletiva de o preservar. Nesse sentido, recorreu-se à análise das *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar* e das *Aprendizagens Essenciais* do 2.º ano do 1.º Ciclo de Educação Básica. Acredita-se que este trabalho foi desenvolvido de forma organizada e coesa, que as propostas de atividades auxiliaram a causa da defesa e preservação do Património Cultural Imaterial, independentemente de a segunda parte do Projeto ter decorrido num modelo de ensino *on-line* provocado pela inesperada pandemia COVID-19. No entanto, os múltiplos esforços reunidos viabilizaram a continuidade da Prática Pedagógica e o desenvolvimento/conclusão, de forma justa e equilibrada, deste Projeto. Esta resposta mostra que conseguimos contornar todos os obstáculos que foram aparecendo e viabilizar a conclusão da Prática Pedagógica e do Projeto.

Como foi referido, este projeto iniciou-se com um levantamento do conhecimento das crianças/alunos sobre Património Imaterial e Tradições. Naturalmente, detetou-se que as crianças desconheciam este tema, mas também é perceptível que as atividades promovidas no âmbito do projeto permitiram ultrapassar essa lacuna com êxito. Como forma de o demonstrar destaca-se o seguinte: no final do Projeto desenvolvido no Pré-Escolar, 53% das crianças sabiam o que significava o conceito “Tradições” e

conseguiram exemplificá-lo. No início do projeto só 10% alegaram conhecer este conceito.

No tocante ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, salienta-se que 83% dos alunos ficaram a conhecer o conceito de Património Cultural Imaterial conseguindo, verdadeiramente descrever e exemplificar o Património Cultural Imaterial. Recorde-se que no início do Projeto somente 29% sabiam descrever e exemplificar manifestações de Património Cultural Imaterial.

Assim, conclui-se, a partir da prática, das observações, da descrição das sessões e da análise de dados e interpretação dos resultados obtidos, que as crianças/alunos estiveram envolvidos de maneira ativa neste projeto. No final de cada sessão promovida, presencial ou *on-line*, verificou-se a notável vontade, o entusiasmo e o empenho que as crianças/alunos demonstraram. O interesse, empenho e participação das crianças/alunos progrediram sempre em sentido crescente.

Pode-se afirmar que as questões iniciais colocadas neste Projeto foram respondidas positivamente. A questão inicial “Que conhecimento as crianças do Pré-Escolar e os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico têm sobre o Património, Património Cultural Imaterial e Tradições?” comprovou-se nos contactos estabelecidos e nos resultados obtidos nos inquéritos. Efetivamente, é possível melhorar os conhecimentos iniciais e transformá-los em conhecimento mais amadurecido, de forma dinâmica, e em aprendizagens mais estruturadas sobre esta temática. Perante a segunda questão, “De que forma um Educador e um Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico pode educar para o Património Cultural Imaterial a partir das Tradições, Costumes e História Local?”, as sessões planificadas e desenvolvidas mostram a capacidade de proporcionar atividades diversas e relevantes – aproveitando os eventos com lugar no calendário local/nacional – de aproximação à cultura local, e nacional, aplicáveis a diferentes idades e a diferentes graus de ensino.

A finalizar, a autora deste Relatório confessa que esta experiência foi enormemente enriquecedora e inesquecível proporcionando-lhe um desenvolvimento não só profissional, como também no domínio pessoal e social. Permitiu-lhe colocar em prática toda a formação e conhecimento anteriormente adquiridos que agora ganharam um outro sentido no ‘terreno’ e no palco da sala de aula. Ficou a conhecer

mais de perto o quanto este mundo do ensino e da aprendizagem pode ser desafiante, singular e entusiasmante.

Tratou-se, também, da oportunidade de poder abordar a área cativante do Património numa prática que proporciona, também, o acesso a mundos novos, diferentes faculdades, descobertas e horizontes alargados. Conclui-se que a ação desenvolvida em contexto de sala de aula, como fora dela, foi adequada e com impacto nas crianças/alunos que ajudaram a 'dar forma e corpo' a este projeto.

Naturalmente, teria sido diferente se o ensino presencial tivesse ocorrido no 1.º Ciclo do Ensino Básico, ou se a abordagem recaísse sobre o Património Material ou sobre o Património Natural. Nota-se que esta temática não fica 'fechada', que há vias que ficaram por explorar abrindo caminho a atividades/intervenções/projetos futuros.

Fontes e Bibliografia

- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Barca, I. & Pinto, H. (2014). Um percurso na cidade de Guimarães, Património da Humanidade: conceções de alunos e professores. *Cultura Histórica & Património*, vol. 2, n.º 2, pp. 5-29 [Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/01_art_v_2n2_barca-pinto].
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1991). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cabral, C. B. (2011). *Património Cultural e Imaterial: Convenções da UNESCO e seus contextos*. Lisboa: Edições Setenta.
- Carvalho, A. V. N. de (2005). Manifestações do Sagrado e do Profano em Aveiro no Início da I República. *O Estudo da História*, n.º 6, 2005, pp. 19-38.
- Choay, F. (2009). *A alegoria do património*. Lisboa: Edições Setenta.
- Costa-Luís, A. A. (s/d) *Notas Soltas sobre a História Regional e Local e o Património Cultural*. Universidade da Beira Interior. [Disponível em: file:///D:/Bibliografia/Tradi%C3%A7%C3%B5es%20e%20hist%C3%B3ria%20local/Artigo_Hist%C3%B3ria%20regional%20e%20Local.pdf]
- Curado, M. J. (2019). *Evolução urbana de Aveiro: espaços e bairros com origem entre os séculos XV e XIX*. Aveiro: Sana.
- Dias, C. M. (2009). Olhar com Olhos de Ver. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano 43-1, pp. 175-188.
- Gaspar, J. G. (1981). *A princesa Santa Joana e a sua época (1452-1490)*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Gaspar, J. G. (1983). *Aveiro: notas históricas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Gaspar, J. G. (1997). *Aveiro na História*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Laranjeira, E.L. (1989). *Artes da Pesca na Ria de Aveiro*. Boletim municipal de Aveiro, Ano VII- N.º 12 (Dezembro 1989), p. 38-43.
- Machado, J. P. (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Volume VIII. Lisboa Amigos do Livro.

- Martins, J. S. (1993). *Levantamento Cultural: exemplo e sugestões*. Aveiro: Estante Editora.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.
- Mendes, J. A. (2000). *História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização*. Revista Portuguesa de História, XXXIV. Ano 2000, pp. 350-368.
- Mendes, J. A. (2009). *Estudos do património: museus e educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens essenciais – Articulação com o perfil dos alunos. Estudo do Meio – 2.º ano*.
- Ministério da Educação (2006). *1.º Ciclo do Ensino Básico. Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica (4ª edição).
- Mónica, M. R. B. (2005). *São Bernardo: cinquenta anos de vida*. São Bernardo: Fundação Padre Félix.
- “Património” – *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935). Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- Pinto, H. & Barca, H. (2013). *Uso de fontes patrimoniais e consciência histórica de alunos e professores portugueses*. *Revista de Educação Histórica*, n.º 2/Dez. 2012-Abr. 2013, pp. 111-129.
- Plataforma Pelo Património Cultural (PPCULT). *Declaração – O património como valor estratégico e oportunidade nacional*. [Disponível em: <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/DeclaraPlataformaPPCULT.pdf>].
- Quadros, R. (2000). *Apontamentos Históricos - Aveirenses Notáveis – Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Rodrigues, M. F. (2004). *Aveiro, cidade de água, sal, argila e luz*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Saballa, Viviane Adriana (2007). *Educação Patrimonial: “Lugares de Memória”*. *Revista Mouseion*, vol. 1, junho 2007. [Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewijq5XkkKv0AhUI4YUKHcaVARsQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.u>

nilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion%2FVol1%2Fvol1jun2007p23_25.pdf&usg=AOvVaw0xzJux-T0Kr_ptVp22Z-MF].

Silva, E. P. (2000). Património e identidade: os desafios do turismo cultural. Revista Antropológicas, n.º 4, pp. 217-224.

Silva, F. (1998). História Local: objetivos, métodos e fontes. Porto: FLUP. [Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>].

Silva, I.; Marques, L.; Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica/Núcleo de Educação Pré-Escolar.

Cartas e Convenções consultadas (por ordem cronológica):

UNESCO (1954). Convenção da Haia - *Convenção para a Protecção dos Bens Culturais em caso de Conflito Armado*. [Disponível em: https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/conv_prot_bens_culturais_conflito_armado.pdf]

UNESCO (1972). *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Paris: UNESCO. [Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>]

UNESCO (1989) Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular. Paris: UNESCO. [Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf].

UNESCO (2003). *Convenção para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO. [Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>]

Convenção quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade (2008).

Diário da República, 1.ª série — N.º 177 — 12 de Setembro de 2008, Artigo 2.º. [Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf>]

ANEXOS

Anexo1 – Atividades/Tarefas desenvolvidas com as crianças do Pré-Escolar:

ÁREAS DE CONTEÚDO & APRENDIZAGENS A PROMOVER		DESCRIÇÃO DAS TAREFAS	RECURSOS
1. Formação Pessoal e Social <ul style="list-style-type: none"> • Construção da identidade e da autoestima <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. 	Sessão 1	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar a atividade elaborada anteriormente com a educadora sobre as vindimas; • Leitura e projeção de uma história relacionada com o tema. Título: “O Rui Ajuda nas Vindimas” • Visita de meninos da sala de creche II a explicar o processo das vindimas • Conversa sobre as tradições que envolvem a produção do vinho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Projetor • Tela • História “O Rui Ajuda nas Vindimas” - https://pt.slideshare.net/patigui/o-rui-ajuda-nas-vindimas
<ul style="list-style-type: none"> • Convivência democrática e cidadania <ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social. ○ Respeitar a diversidade e solidarizar-se 	Sessão 2	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar a atividade das vindimas do dia anterior; • Apresentação de vídeos, sobre as canções típicas, cantadas na vindima; • Conversa com as crianças sobre a possibilidade de conhecerem algumas canções e discussão sobre as imagens que o vídeo apresenta. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Projetor • Tela • Colunas • Vídeos retirados da internet (Youtube) - https://www.youtube.com/watch?v=hvG-jn25BZM&list=FL1oQKK5TRNvd7QBOZoy22oA&index=2&t=0s
	Sessão	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar a atividade das vindimas 	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de ovos;

<p>com os outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia. ○ Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação. <p>2. Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educação Artística – Artes Visuais <ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. • Linguagem Oral e 	3	<p>dos dias anteriores;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização de cacho de uvas com caixas de ovos; • Recortamos e pintamos as caixas de ovos e colamos em cartão de maneira a formar um cacho de uvas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas; • Pinceis; • Folhas; • Tesoura; • Cola; • Cartão; • Cartolina.
	Sessão 4	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar o projeto das vindimas dos dias anteriores; • Realização do jogo das cadeiras com música típica cantada nas vindimas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Cadeiras; • Música; • Coluna.
	Sessão 5	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa com as crianças sobre a história da tradição do “Pão por Deus”; • Apresentação dos sacos de pano onde eram transportados os pães; • Elaboração de um folheto que será entregue em cada sala do pré-escolar e da creche da instituição. • 	<ul style="list-style-type: none"> • Sacos de pano; • Computador.
	Sessão 6	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa com as crianças para relembrar a história da tradição do “Pão por Deus” falada no dia anterior; • Início da elaboração da receita do “Pão por Deus”, com a leitura dos ingredientes; • Em seguida, cada criança coloca um ingrediente no recipiente; • Foram feitas bolinhas com a massa e de seguida levadas ao forno para 	<ul style="list-style-type: none"> • Ingredientes da receita (retirada do site https://pumpkin.pt/familia/lifestyl-e-criancas/festas-aniversarios-batizados-ferias/pao-por-deus-uma-

<p>Abordagem à Escrita</p> <p>– Comunicação Oral</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação. <p>– Identificação de convenções da escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer letras e aperceber-se da sua organização em palavras. ○ Aperceber-se do sentido direcional da escrita. ○ Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral. <p>• Matemática – Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Reconhecer e operar com formas 		assar.	<p>tradicao-muito-nossa/)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utensílios de cozinha
	Sessão 7	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição dos “Pães por Deus” e dos folhetos, elaborados nos dias anteriores, pelas salas do pré-escolar e da creche da instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sacos de pano; • “Pães por Deus”; • Folhetos.
	Sessão 8	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução ao tema da história de São Martinho. Questionar as crianças se sabem quem era São Martinho e qual a história desta tradição. • Visualização de um vídeo com a história de São Martinho. • Posteriormente fomos ao magusto, que se realiza todos os anos na instituição com castanhas assadas na fogueira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador. • “História de São Martinho” - https://www.youtube.com/watch?v=Sy_C8slzUUU&t=2s
	Sessão 9	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de um inquérito (Oral), às crianças, sobre o as tradições e os costumes. • Posteriormente esclarecimento do que são as tradições e os costumes – exemplos no nosso país. 	
Sessão 10	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura do dia 11 de Novembro do calendário do advento. Leitura da mensagem prevista para este dia. (dia 11 - Pergunta a pessoas mais velhas sobre como são/eram as suas tradições de 	<ul style="list-style-type: none"> • 	

<p>geométricas e figuras, descobrindo e referindo propriedades e identificando padrões, simetrias e projeções.</p> <p>3. Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagem às Ciências – Conhecimento do mundo social 		<p>Natal).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo sobre as tradições (tema esclarecido no dia anterior) e sobre as suas tradições de Natal. • Visita de senhoras idosas de um Lar de Terceira Idade à nossa sala – iniciativa promotora do diálogo intergeracional através de relações de aproximação entre gerações e de partilha de histórias de vida e da infância, especialmente a tradição e a identidade local ligadas ao Natal – partilha de tradições e costumes de Natal entre gerações, para se aperceberem das diferenças do Natal de hoje com o de antigamente. 	
<ul style="list-style-type: none"> ○ Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo (ex. família, jardim de infância, amigos, vizinhança). ○ Conhecer elementos centrais da sua comunidade, 	<p>Sessão 11</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo sobre a festa de Natal. • Diálogo sobre a última sessão realizada (a visita das senhoras idosas de um Lar de Terceira Idade à nossa sala – iniciativa promotora do diálogo intergeracional através de relações de aproximação entre gerações e de partilha de histórias de vida e da infância, especialmente a tradição e a identidade local ligadas ao Natal). • Observação de imagens de pratos típicos do Natal português e ligação às diferentes regiões do 	<ul style="list-style-type: none"> • Imagens de pratos típicos de Natal. • Mapa de Portugal • Livro “Babushka”.

<p>realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais. ○ Conhecer e respeitar a diversidade cultural. 		<p>país (com imagens dos pratos típicos que serão colocadas na respetiva região no mapa de Portugal).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de uma história de Natal relacionada com o nascimento de Jesus (<i>Babushka</i>). 	
--	--	---	--

Anexo 2 – Atividades/Tarefas desenvolvidas com as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico:

ÁREAS DE CONTEÚDO & APRENDIZAGENS A PROMOVER		DESCRIÇÃO DAS TAREFAS	RECURSOS
<p><u>Estudo do Meio</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer datas, factos e locais significativos para a história pessoal ou das pessoas que lhe são próximas, localizando-os em mapas ou plantas e numa linha de tempo. Descrever elementos naturais e humanos do lugar onde vive através da recolha de informação em várias fontes documentais. Comunicar conhecimentos relativos a lugares, regiões e acontecimentos. 	<p>Sessão 1</p>	<p>Feriado Municipal de Aveiro – Princesa Santa Joana (12 de maio) – sessão dia 14 de maio de 2020</p> <ul style="list-style-type: none"> Alusão ao tema, apresentação de um vídeo sobre a história de vida da Princesa Santa Joana. Exposição de imagens do Museu de Santa Joana, da estátua e retrato da mesma através de uma apresentação em PowerPoint. Conversa sobre este dia, suas tradições e costumes com os alunos. <p><u>Tarefa para Casa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Elaboração de uma tarefa em que o objetivo consiste em fazer o retrato da Princesa Santa Joana seja desenhado/pintado ou feito com materiais de desperdício. Colar pétalas no rebordo da moldura, pétalas verdadeiras secas ou feitas de papel. 	<ul style="list-style-type: none"> Computador, vídeo do youtube, PowerPoint com imagens. <p>Lápis de cor, tintas, cola, tesoura, folhas, flores, material de desperdício</p>
	<p>Sessão 2</p>	<p>Dia do patrono da Escola – José Estevão (dia 25 de maio) – sessão dia 26 de maio de 2020</p> <ul style="list-style-type: none"> Apresentação de um PowerPoint alusivo ao tema, em que recordávamos o trabalho anterior da colega de díade 	<ul style="list-style-type: none"> Computador, PowerPoint com o jogo.

<p><u>Português</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escrever textos curtos com diversas finalidades (narrar, informar, explicar). <p><u>Expressões Artísticas – Artes Visuais</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas. • Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos. <p>Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (pintura; desenho - incluindo esboços, esquemas e itinerários; técnica</p>		<p>(BI de José Estevão), explorámos e relembramos um pouco a vida de José Estevão, fazendo referência ao agrupamento de escolas José Estevão e à sua escola principal, à estátua do mesmo e a comemoração do dia 25 de maio e referir o porquê desta data. Como forma de solidificar o conhecimento jogámos um jogo em que havia uma pergunta e os alunos escolhiam a resposta certa.</p>	
	Sessão 3	<p>Dia da Criança (1 de junho) – Sessão dia 2 de junho de 2020</p> <ul style="list-style-type: none"> • Questionar as crianças porque acham que o dia da criança existe. Após isso, apresentação de uma <i>PowerPoint</i> em que apresenta os direitos da criança e posterior construção de um Quadro com os direitos e deveres dos alunos da turma do 2º C. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador. Apresentação <i>PowerPoint</i>.
	Sessão 4	<p>Património Cultural Imaterial – Sessão dia 12 de junho de 2020</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação em <i>PowerPoint</i> de um vídeo sobre o Património Cultural Material e Imaterial e posterior reforço da definição de Património, Património Cultural Material e Património Cultural Imaterial. Por fim com ajuda dos alunos, escrever alguns exemplos de património Cultural Imaterial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador. Apresentação <i>PowerPoint</i>.

<p>mista; assemblage; land art; escultura; maqueta; fotografia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais.</p>			
--	--	--	--

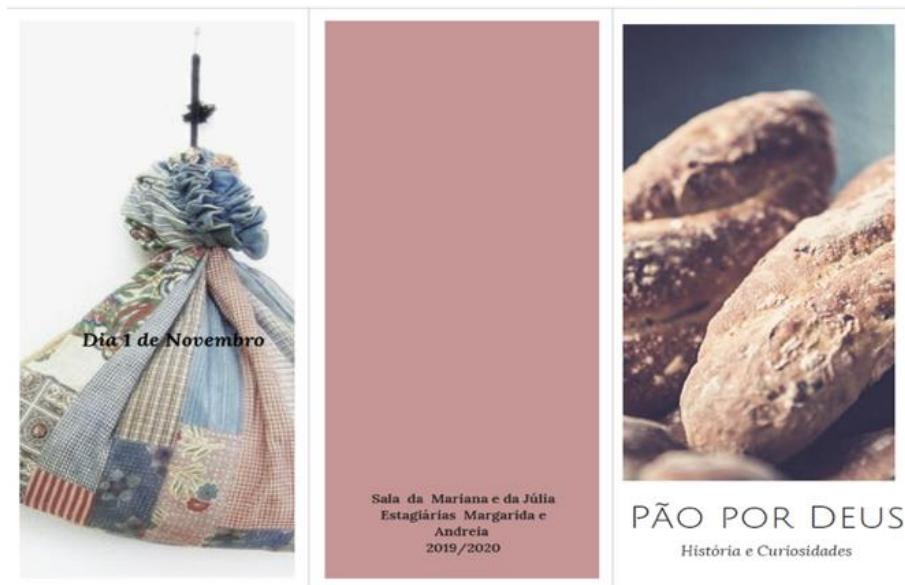
Anexo 3 – Projeto Vindimas



Anexo 4 – Sacos utilizados no “Pão por Deus”



Anexo 5 – Panfleto explicativo “Pão por Deus”



ORIGEM DO PÃO POR DEUS

Esta tradição teve início depois do terramoto de Lisboa de 1755. As pessoas, neste dia, iam pedir Pão por Deus, porque existia muita pobreza e escassez de alimentos. Com o passar dos anos, tornou-se um costume como forma de celebração e agradecimento à quem tinha sobrevivido.

No século XIX o Pão por Deus começou a ser, cada vez mais, como uma festa das crianças. As crianças vão de porta em porta pedir Pão por Deus.



CURIOSIDADES

As pessoas costumavam dar bolos, cestas, frutos secos, broa, pão e romãs. As crianças levavam um saquinho de retalhos, feito com restos de tecidos de roupa.

Os bolinhos típicos deste dia têm o nome de Santorinhos.

As crianças quando se dirigiam à casa de alguém, tinham um cantigo que entoavam como forma de pedir o Pão por Deus.

CANÇÃO

A CANTIGA INICIAL

Bolinhas e bolinhó
Para mim e para vós,
Para dar aos finados
Que estão mortos e enterrados
À bela, bela cruz.
Truz, Truz!


A senhora que está lá dentro
Sentada num banquinho
Faz favor de s'levantar
Para vir dar um tostãozinho.

RESPOSTA NAS CASAS EM QUE HÁ DIFERENDAS

Esta casa cheira a broa,
Aqui mora gente boa.
Esta casa cheira a vinho,
Aqui mora um santinho.

RESPOSTA NAS CASAS ONDE NÃO HÁ

Esta casa cheira a alho
Aqui mora um espantalho.
Esta casa cheira a unto
Aqui mora algum defunto



Anexo 6 – Distribuição dos Sacos pela instituição



Anexo 7 – Vídeo sobre a Lenda de São Martinho



Anexo 8 – Fogueira de São Martinho



Anexo 9 – Visita de senhoras idosas de um Lar de Terceira Idade à sala

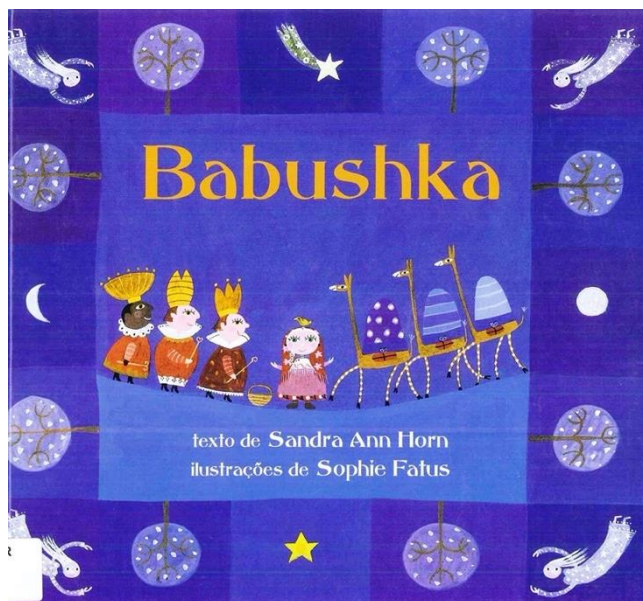


Anexo 10 – Diálogo sobre gastronomia típica de Natal





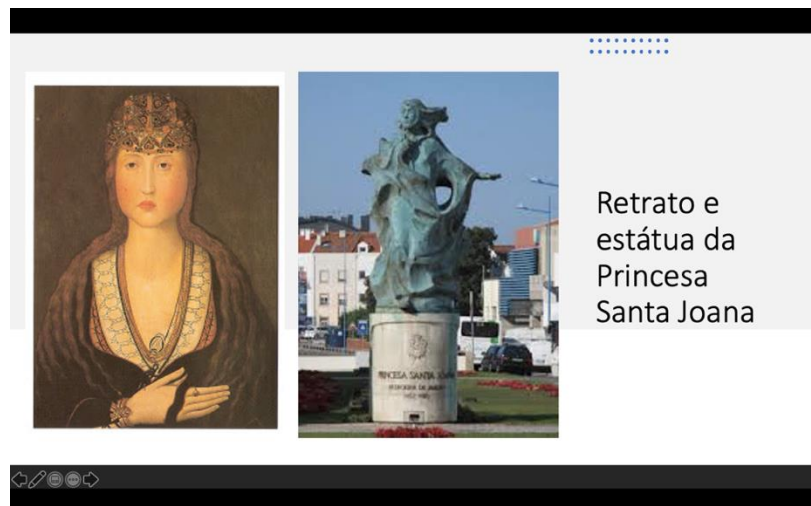
Anexo 11 - Leitura do livro “Babushka”



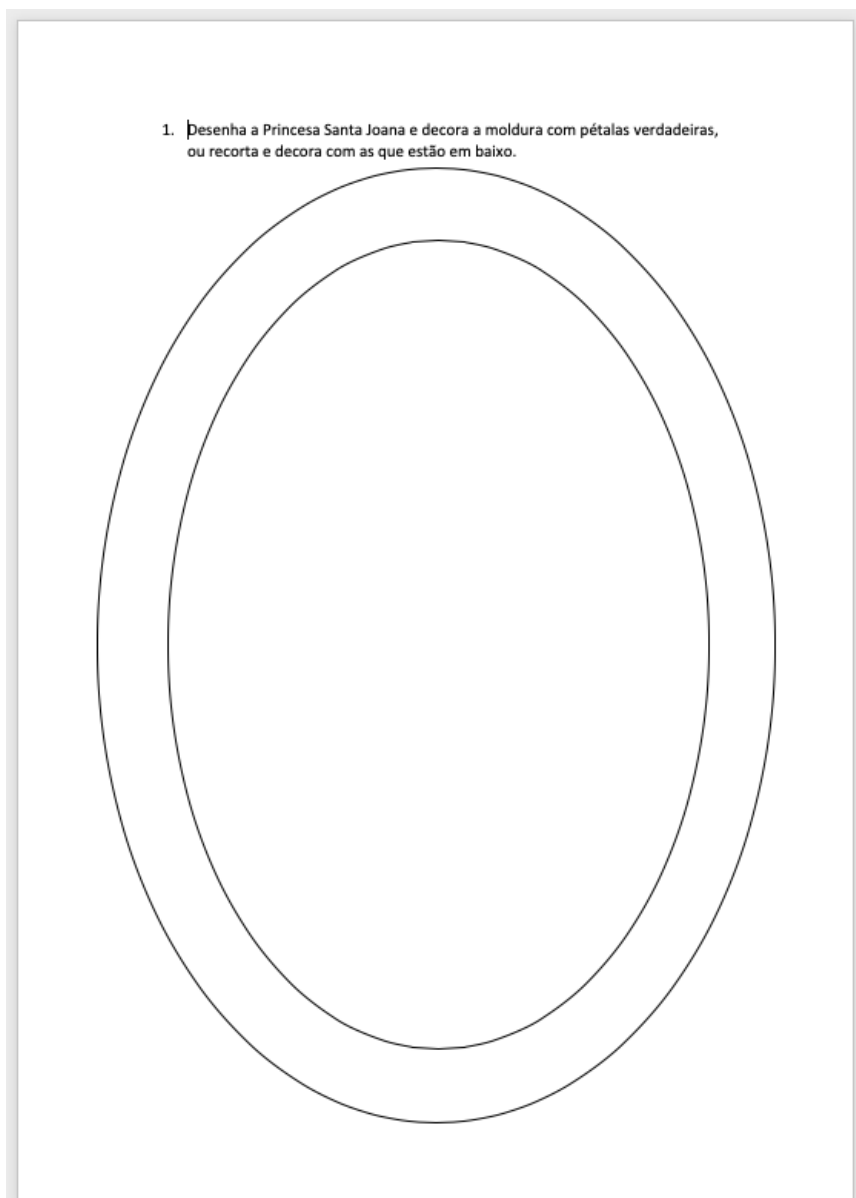
Anexo12 – Vídeo sobre a Princesa Santa Joana



Anexo 13 – PowerPoint Santa Joana



Anexo 14 - Atividade desenvolvida pelas crianças



Anexo 15 – Alguns resultados da atividade desenvolvida





Dia 25 de Maio, Dia do Patrono do Agrupamento de Escolas José Estevão

O Patrono do nosso agrupamento é José Estevão. Foi um homem muito importante em Aveiro e em Portugal.

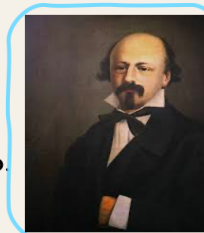


Vamos relembrar

Olá! Eu sou o **José Estêvão Coelho de Magalhães**.

Nasci em **Aveiro** no dia **26 de dezembro de 1809**.

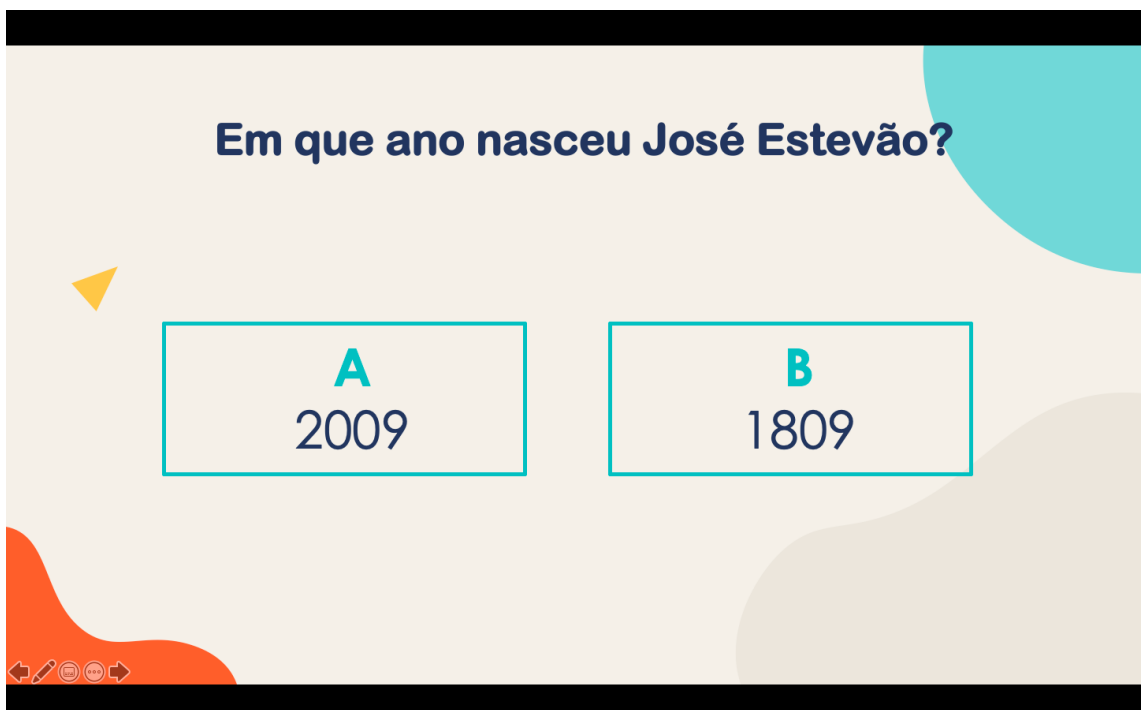
O meu **pai** chamava-se **Luís Cipriano Coelho de Magalhães** e era médico. A minha **mãe** chamava-se **Clara Miquelina de Azevedo Leitão**.



Tive muitas **profissões**, algumas delas foram: **jornalista, professor, advogado, combatente e político**, destacando-me como um orador excelente.

Fiquei conhecido em Aveiro porque fui o principal responsável pela construção do primeiro edifício do Liceu Nacional de Aveiro, a sua entrega oficial foi feita no dia 25 de maio de 1952, o dia em que vocês comemoram o dia do Agrupamento. Também fiquei conhecido por trazer os **caminhos de ferro** para a cidade e por melhoramentos na **Barra de Aveiro**.









Os Direitos e Deveres das Crianças da turma 2°C

Direitos

- 1º Direito a ter Educação.
- 2º Direito a ter Amor.
- 3º Direito a Brincar.
- 4º Direito a ser livre.
- 5º Direito a ter amigos.
- 6º Direito a ter paz.
- 7º Direito a ter comida.
- 8º Direito a sermos tratados quando estamos doentes.
- 9º Direito a ter uma família.
- 10º Direito a ter uma casa.
- 11º Direito a estudar.
- 12º Direito a ler/informação.
- 13º Direito a ser crianças.
- 14º Direito a ter dinheiro para ter uma vida confortável.
- 15º Direito a dar opinião.
- 16º Direito a sermos respeitados.

Deveres

- 1º Devemos respeitar os outros.
- 2º Devemos obedecer/ajudar ao adulto.
- 3º Devemos respeitar as regras.
- 4º Devemos partilhar os brinquedos.
- 5º Devemos ser bons amigos.
- 6º Devemos ajudar/cuidar dos idosos.
- 7º Devemos cuidar do ambiente/ e não poluir o planeta.
- 8º Devemos estudar.
- 9º Devemos aproveitar a vida e de viver.
- 10º Devemos ser bondosos.
- 11º Devemos cuidar e respeitar os animais sem esquecer os que estão em vias de extinção.
- 12º Devemos ser pacientes.
- 13º Devemos ser simpáticos.
- 14º Devemos ser felizes.
- 15º Devemos ser bons filhos.
- 16º Devemos cuidar de nós e da nossa higiene.
- 17º Devemos ser bem educados.





O que é património cultural?

- ✓ São valores materiais e imateriais da vida de uma comunidade ou de um país.
- ✓ São valores que foram herdados de gerações anteriores, que nós mantemos e iremos transmitir a gerações seguintes
- ✓ É património que faz de nós portugueses e que nos distingue dos outros através da nossa cultura, língua, música, gastronomia, monumentos..., da nossa História.
- ✓ Temos de cuidar e manter o nosso património.
- ✓ Devemos querer sempre saber mais sobre o património e dar-lhe valor porque ele conta-nos histórias que fazem parte da nossa própria História.

Património Cultural Material

Pode ser:

- ✓ Edifícios;
- ✓ Objetos Artísticos;
- ✓ Jardins;
- ✓ Museus;
- ✓ Estátuas.



Património Cultural Imaterial

Pode ser:

- ✓ Canções;
- ✓ Práticas sociais;
- ✓ Saberes;
- ✓ Habilidades;
- ✓ Tradições;
- ✓ Festas;
- ✓ Danças.



Património Cultural Imaterial

- São Gonçálinho;
- Santa Joana;
- Santos Populares – Marchas de Lisboa/ São João;
- Feira do Março;
- Páscoa;
- Natal;
- Carnaval;
- Halloween;
- Feriado Religiosos – Corpo de Deus;
- Magusto;
- Caretos de Bragança;
- Casamentos de Santo António;
- Dia de Portugal;
- 25 de Abril;

- Procissões – Senhor dos Navegantes (Gafanha da Encarnação);
- Dia Mundial da Criança;
- 5 de Outubro – Implantação da República;
- Festa de São Bernardo;
- Festa de passagem de Ano;
- Arte Xávega;
- Ovos moles;
- Pauliteiros;
- Danças e cantares Portugueses – Rancho, O Bailinho da Madeira; Fado; Canto Alentejano;
- Arte de fazer Joias de Viana do Castelo – Ourivesaria.



Anexo 20 – 1.º Questionário feito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico

Genealogia_Património Imaterial e Tradições (Turma - 2C)(1-24) (1)

	W	X	Y	Z	AA
1	Conheças Já conhece falar em Património Imaterial? Conheças apresentar um exemplo de Património Imaterial que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)? Já conhece falar em tradições? Conheças apresentar um exemplo de tradições que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?				
2	Não	Não			Jantar com a família na noite de consolda.
3	Não	osos moles			São Gonçálinho
4	Sim				cardadores
5	Não	Não			Festa de São Gonçálinho de Aveiro
6	Não	Não			Sim,, a Santa Joana.
7	Não	molteiro			S.Gonçálinho
8	Sim	Carreiros de Podence			Festa de Santa Joana
9	Sim				São Gonçálinho de Aveiro
10	Sim	Fado é o tipo de música de Portugal mais conhecida do mundo.			festa da Santa Joana
11	Sim	MOUCEROS DE AVEIRO			FESTAS DE S. GONÇALINHO EM AVEIRO
12	Não				Atrair cavacas da Capela de S. Gonçálinho
13	Não				dia de santa joana
14	Não				Festa de Santa Joana
15	Não	não			Dia da criança
16	Não	Fado			sim, Natal, Páscoa, Carnaval,
17	Sim	Não.			Carnaval
18	Não				São gonçalinho.
19	Não				São Gonçálinho
20	Não				Magusto
21	Sim	Festa de São Gonçálinho			Comer osos moles
22	Não	Lendas, fado, futebol, festas			Prodição de Santa Joana, o madeiro de natal, desfiles de carnaval
23	Não				são gonçalinho- cavacas;
24	Não	Matá do Busarco			Barros Rebelo
25	Não				Festa das Cavacas
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					

Introduzir

Sheet1

110%

Anexo 21 – 2.º Questionário feito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico

	M	N	O	P	Q
1	<p>Consegue apresentar um exemplo de Património Imaterial que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?</p> <p>Um exemplo de património Imaterial que conheço é: Caretos de Bragança.</p>		<p>Já ouviste falar em tradições?</p>	<p>Consegue apresentar um exemplo de tradições que conheças (da nossa cidade ou do nosso País)?</p> <p>Um exemplo de tradições é: S3 Sim</p>	<p>Depois das atividades realizadas consegues agora</p>
2	h Sim		Sim	São Gonçálio	Sim
3	Sim		Sim	Gastronomia	Sim
4	Sim		Sim	Procissão da Nossa Senhora da	Sim
5	k Sim		Sim	Carnaval	Sim
6	Sim		Sim	Atirar cavaças de cima da igreja	Sim
7	l Sim		Sim	O barco Moliceiro, os ovos mol	Sim
8	k Sim		Sim	Festa de S. Bernardo	Sim
9	p Sim		Sim	São Matinho	Sim
10	h Não		Sim	sim rancho folclórico	Sim
11	h Sim		Sim	Festejar os Santos Populares.	Sim
12	a Sim		Sim	Feira do Março	Não
13	Não		Sim	Atirar as cavaças do cimo da ig	Sim
14	o Sim		Sim	São Gonçálio	Sim
15	h Sim		Sim	Carnaval, Natal	Não
16	Não		Sim	FESTA DE SAO GONCALINHO	
17	Sim		Sim	senhora do fastio, 25de abril, s	Sim
18	o Sim		Sim	Comer filhoses no Natal.	Sim
19	Sim		Sim	Atirar cavaças.	Sim
20	h Sim		Sim	peru na ceia de natal	Sim
21	Sim		Sim	Atirar cavaças na Festa de São	Sim
22	J Sim		Sim	Carnaval e Natal	Sim
23	ó Sim		Sim		Sim
24	Não		Não	Festejar os Santos Populares.	Não
25	h Não		Sim		
26					
27					
28					
29					
30					
31					

Base Inserir Desenhar Esquema da Página Fórmulas Dados Rever Ver Tabela Diga-me
Calibri (corpo) 11 A A
Colar N I S
Depois das atividades realizadas consegue agora escrever o que é o Património Imaterial?
Se sim, escreve.
 O Património Imaterial é uma tradição reconhecida pela UNESCO.
 São coisas imateriais e materiais como danças, tradições ou festas.
 O património imaterial preserva lendas, festas, danças...
 O património imaterial são formas de cultura que representam tradições de cada país.
 Património imateriali são tradições ligadas á cultura.
 Património Imaterial são: as festas, as danças e cantos populares, formas de expressão especificas de algumas regiões, lendas, costumes e outras tradições.
 É uma coisa que não se consegue tocar
 É algo que é de todos e que nos define como povo
 Moutainha, música,
 São tradições e culturas.
 São coisas que não se vêem como por exemplo cantar o fado, participar numa procissão...
 Património Imaterial é, por exemplo festas e tradições.
 São valores e tradições que passam de geração em geração.
 património e por exemplo tradicao e imaterial e uma coisa que se usa no dia a dia
 tradições, lendas as festas
 S. João
 São as nossas tradições.
 são tradições de cada país como festas, danças, musicas e bailes
 Património Imaterial é Algo muito valioso, mas que não é um objeto, não dá para pegar ou mexer.
 São as coisas que passam entre pessoas e entre familia

Form1 +